



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

A PAISAGEM EM MOSAICO POLICULTURAL NO ALENTEJO: NOVOS PARADIGMAS DE GESTÃO

Análise exploratória de tipos de novos-residentes numa região alentejana utilizando um estudo de caso (case-study) e o seu impacto social, económico e ambiental

Patrícia Reis Aleixo Vacas de Carvalho Fialho

Orientação: Professora Doutora Maria Teresa Amado Pinto
Correia

Co-orientação: Doutora Carla Sofia Dávila Soares Gonzalez

Mestrado em Qualidade e Gestão do Ambiente

Área de especialização: Ecologia e Gestão Ambiental

Dissertação

ÉVORA, 2013



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

A PAISAGEM EM MOSAICO POLICULTURAL NO ALENTEJO: NOVOS PARADIGMAS DE GESTÃO

Análise exploratória de tipos de novos-residentes numa região alentejana utilizando um estudo de caso (case-study) e o seu impacto social, económico e ambiental

Patrícia Reis Aleixo Vacas de Carvalho Fialho

Orientação: Professora Doutora Maria Teresa Amado Pinto
Correia

Co-orientação: Doutora Carla Sofia Dávila Soares Gonzalez

Mestrado em Qualidade e Gestão do Ambiente

Área de especialização: Ecologia e Gestão Ambiental

Dissertação

ÉVORA, 2013

"...sem uma recuperação do mundo rural, para que não seja considerado atrasado, rotineiro, pouco digno na sociedade portuguesa, não pode haver uma recuperação da agricultura"

Arquiteto Gonçalo Ribeiro Teles

AGRADECIMENTOS

Porque a realização de um estudo e a sua qualidade final, nunca dependem verdadeiramente apenas do seu autor, é o momento de enumerar e agradecer a todos quantos ajudaram a torna-lo possível. Estas linhas são algo que escrevo com o maior prazer.

O meu primeiro agradecimento é dirigido às minha orientadoras e supervisoras Teresa Pinto Correia e Carla Gonzalez, pelo seu enorme apoio e orientação. A compreensão e confiança que demonstraram para comigo e as frases de estímulo, foram determinantes para a concretização desta tese. A forma como sempre me acolheram na Mitra, os almoços partilhados no espaço “Dynamo”, sempre tão agradáveis, foram também uma motivação para me sentir cada vez mais ligada à temática rural e às questões da sociologia rural.

À Dr. Ana Amoroso das Neves por me ter disponibilizado o tempo necessário para que pudesse trabalhar a tese enquanto desenvolvia o meu trabalho na FCT e aos meus colegas do Dep. Sociedade da Informação da FCT, pela amizade e companheirismo durante esta fase da minha vida.

No decorrer do trabalho e em todos os locais onde realizei investigação fui manifestamente bem recebida, destacando os agricultores com quem contactei pessoalmente e que generosamente me ofereceram o seu tempo.

Deste o início em que me propus desenvolver este trabalho que contei com a colaboração de amigos e familiares. Agradeço especialmente ao meu marido - José Luís e às minhas filhas – Teresa, Luisa e Carmo, pelo tempo que lhes roubei e pelo facto de em todos os momentos me transmitiram aquela tranquilidade, com a sua presença tão especial.

Aos meus pais, porque sempre se colocaram à minha disposição, para que as “tarefas incalculáveis de mãe” passassem para eles, permitindo-me maior disponibilidade para desenvolver este estudo.

A PAISAGEM EM MOSAICO POLICULTURAL NO ALENTEJO: NOVOS PARADIGMAS DE GESTÃO

Análise exploratória de tipos de novos-residentes numa região alentejana utilizando um estudo de caso (case-study) e o seu impacto social, económico e ambiental

Palavras-Chave | Tipologias de Agricultores; *Lifestyle Farming*, Impactes Ambientais; Agricultura Sustentável; Alentejo

Os novos paradigmas de gestão de um território rural, pressupõem uma análise integrada que conjugue aquilo que são as ambições pessoais de quem vive nestes territórios rurais, a forma como gerem estes espaços, as políticas públicas existentes para a gestão do território e como elas são entendidas e vivenciadas pelos agricultores, que são também gestores de terra, e o impacto que cada atuação tem num território, do ponto de vista ambiental, social e económico.

Este estudo propôs-se identificar e avaliar tipos de agricultores, associados a novas formas de gestão da pequena propriedade, que está relacionada com o desenvolvimento de um tipo de agricultura *Lifestyle Farming*, orientada para um estilo de vida rural, próxima da natureza e de hábitos mais saudáveis de consumo e de vida. O estudo focou-se na propriedade de pequena dimensão nos arredores de Montemor-o-Novo (na zona de Reguengo-Paião), a 100km de Lisboa, na região do Alentejo, crescentemente ocupada por novos proprietários.

A partir da definição de tipos de agricultores, pretendeu-se discutir o importante papel que estes atores têm no espaço, de que forma a pertença a determinado tipo, tem maior ou menor impacto na comunidade do ponto de vista económico, ambiental e social, procurando desta forma e sempre que possível decifrar caminhos para uma agricultura diferente que idealmente caminharia para a sustentabilidade.

THE MOSAIC LANDSCAPE POLICULTURAL IN ALENTEJO: NEW MANAGEMENT PARADIGMS

Exploratory analysis of new-residents types in Alentejo region using a case study (case-study) and his social, economic and environmental impact

Key-words: Typologies of Farmers; *Lifestyle Farming*, Environmental Impacts; Sustainable Agriculture; Alentejo

The new paradigms of management of a rural territory assume an integrated analysis that combines the personal ambitions of the people who live and seek to live in these rural areas, how to manage these spaces, the existing public policies for the management of the territory and how they are understood and experienced by farmers who are also managers of the land, and the impact of each activity on a territory, from an environmental, social, economic and spatial planning (understand mainly landscape) point of view.

This study set out to identify and assess types of farmers, associated to new forms of management of small property, which is related to the development of a type of agriculture Farming Lifestyle, oriented towards a rural lifestyle, close to the nature and habits of consumption and healthier life. The study focused on small-scale property on the outskirts of Montemor-o-Novo (in the area of Reguengo-Pash), 100 km from Lisbon, in the Alentejo region, increasingly occupied by new owners.

From the definition of types of farmers, was intended to discuss the important role that these actors have in space, how the membership of certain type, have greater or lesser impact within the community in terms of economic, environmental and social, looking this way and whenever possible to decipher paths to different agriculture that ideally would walk for sustainability.

CONTEÚDO

Índice de Anexos	VI
Índice de Figuras.....	VI
Índice de Tabelas.....	VII
Glossário.....	VIII
Capítulo 1 INTERPRETAÇÃO DAS DINAMICAS RURAIS E NOVAS PROCURAS NO ESPAÇO	1
1.1. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	4
1.2. TENDÊNCIAS ATUAIS NO CONTEXTO RURAL.....	5
1.3. VOLTAR AO CAMPO? UMA REALIDADE?.....	7
1.4. A TIPOLOGIA <i>LIFESTYLE FARMING</i> E A COMPLEXIDADE ASSOCIADA À DEFINIÇÃO DE NOVOS-RESIDENTES	9
1.5. TIPOLOGIAS DE AGRICULTORES	11
1.6. SUSTENTABILIDADE DOS SISTEMAS E DESENVOLVIMENTO RURAL.....	14
CAPITULO 2 ESTUDO DE CASO	18
2.1. ENQUADRAMENTO AO ESTUDO DE CASO (<i>CASE-STUDY</i>).....	20
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	21
2.2.1. HIDROLOGIA E REGIMES HÍDRICOS.....	23
2.2.2. SÍNTESE CLIMÁTICA.....	24
2.2.3. BIOGEOGRAFIA.....	24
2.2.4. FAUNA	25
2.2.5. PAISAGEM E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO.....	26
2.2.6. COMPONENTE SOCIAL.....	27
2.2.7. COMPONENTE AGRÍCOLA	29
CAPITULO 3 METODOLOGIA DE ANÁLISE	30
3.1. CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DE TIPOLOGIAS DE AGRICULTORES (análise conceptual)..	31
3.2. ANÁLISE DOS TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES	38
3.3. TRATAMENTOS DOS DADOS	41
3.3.1. IMPACTOS DOS AGRICULTORES NA SUA ZONA DE INSTALAÇÃO – DIMENSÕES DO IMPACTE	42
Capitulo 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	45
4.1. NOVOS-RESIDENTES – RESULTADOS DAS ENTREVISTAS.....	46
4.2. MATRIZES DE DADOS.....	47
4.3. ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS E SUA CATEGORIZAÇÃO	49
4.3.1. AGRUPAMENTO DE NOVOS-RESIDENTES SEGUNDO A ORIENTAÇÃO PARA OS MERCADOS.....	49

4.3.2.	ANÁLISE DOS NOVOS-RESIDENTES SEM ORIENTAÇÃO COMERCIAL.....	50
4.3.3.	ANÁLISE DOS NOVOS-RESIDENTES COM ORIENTAÇÃO COMERCIAL (COMERCIAL-FARMERS).....	52
4.3.4.	ANÁLISE GLOBAL DOS TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES NO ESTUDO DE CASO.....	56
4.4.	FRONTEIRAS DOS TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES	58
4.5.	OS IMPACTOS DOS DIFERENTES TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES.....	61
Capítulo 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		65
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS		69
ANEXOS		74
ANEXO I – GUIÃO DE ENTREVISTAS REALIZADO NO ÂMBITO DO PROJETO FARMPATH E UTILIZADO NESTE ESTUDO		75

Índice de Anexos

Anexo I – Guião de entrevistas realizado no âmbito do projeto FarmPath e utilizado neste estudo

Índice de Figuras

Figura 1 - A estrutura do desenvolvimento rural ao nível da exploração agrícola (Fonte: <i>Ploeg et al., 2002</i>).....	7
Figura 2: Triângulo de Desenvolvimento Sustentável– elementos-chave e interconexões Fonte: Munasinghe 1992, 1994, adaptado de CMMAD, 1991(esquerda) e as três dimensões do conceito de sustentabilidade (Peter Nijkamp, 1990) (à direita)	15
Figura 3 – Fotografias da área de Reguengo-Paião (fonte: googlemaps – Bruno Perosa, Maria Marques, Travel JLC, Pateb)	21
Figura 4 - Cartografia da Zona em Estudo.....	22
Figura 5 - Mapa Hidrológico da área em estudo	24
Figura 6 - Sítios Rede Natura 200 na área em estudo.....	27
Figura 7 – Sistema agrícola na pequena propriedade– relações que se estabelecem entre os agricultor e diferentes dimensões do mundo, independentes do tipo de produção	32
Figura 8 – Faseamento da análise de tipos e impactos dos diferentes entrevistados.....	38
Figura 9 – Formas previstas de partilha de características entre tipos de agricultores.....	39
Figura 10 – Esquema dos dados extraídos das entrevistas em resposta direta dos entrevistados	41
Figura 11 - Esquema dos dados extraídos das entrevistas em pergunta aberta (interpretação das respostas) aos entrevistados.....	42
Figura 12 – Esquema da separação dos novos-residentes segundo a forma de orientação para os mercados.....	50
Figura 13 – Características dos novos-residentes sem orientação para os mercados.....	51
Figura 14 – Esquema de subdivisão dos novos-residentes sem orientação para os mercados.....	52

Figura 15- Características dos novos-residentes com orientação para os mercados	53
Figura 16 – Esquema demonstrativo da subdivisão dos novos-residentes com orientação para os mercados.....	54
Figura 17 –Esquema exemplificativo da Subdivisão dos novos-residentes em cinco tipos finais	56
Figura 18 – Análise de fronteiras de diferentes tipos de novos-residentes do estudo de caso	59
Figura 19 – Fronteiras entre quatro diferentes tipos de novos-residentes no estudo de caso.....	60
Figura 20 – Escalonamento de tipos de novos-residentes segundo a sua orientação para os mercados	61
Figura 21 – Escala de impacto económico na região dos vários tipos de novos-residentes.....	62
Figura 22 - Escalonamento de tipos de novos-residentes segundo evidencias de preocupações ambientais.....	62
Figura 23 - Escalonamento de tipos de novos-residentes segundo as suas dinâmicas sociais.....	63

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Recenseamento Geral da Agricultura - 1999 e Recenseamento Agrícola - 2009. Fonte: INE, I. P.....	8
Tabela 2 – População residente na freguesia de N. Sr.ª da Vila (INE –censos 2011).....	28
Tabela 3 - Fonte: INE – Censos Populacionais 2011.....	28
Tabela 4 – Dimensão Física das explorações agrícolas no concelho de Montemor-o-Novo (Fonte: INE - Municípios do Alentejo 2001)	29
Tabela 5 – Caracterização de diferentes tipologias, segundo diferentes autores	34
Tabela 6 – Agrupamento de tipologias de Agricultores segundo características comuns (análise de literatura)	36
Tabela 7 – Relação entre Tipologias de Agricultores – Características comuns e diferenciadoras das tipologias encontradas em literatura (vários autores, v. bibliografia).....	40
Tabela 8 – Esquema de análise de Impactos por tipo de novo-residente no sistema onde se insere .	44
Tabela 9 - Caracterização dos entrevistados.....	46
Tabela 10 - Matriz de Dados 1 (variáveis analisadas nas entrevistas aos novos-residentes em resposta direta).....	47
Tabela 11 - Matriz de Dados 2 (dados analisados nas entrevistas aos novos-residentes em resposta aberta e alvo de interpretação)	48
Tabela 12 – Impactos comparativos de tipologias de novos-residentes em pequena exploração agrícola.....	63

O objetivo do glossário é fornecer uma descrição sucinta de palavras-chave utilizadas neste trabalho. Os termos e conceitos encontram-se mais desenvolvidos ao longo do documento

Agricultor-comercial – Comercial-farmer: Este tipo de agricultor está claramente orientado para o mercado. Sentem-se atraídos pelo contacto com a ruralidade mas são mais produtores do que consumidores. Geralmente vivem na propriedade e dedicam-se em exclusividade à atividade. Consideram-se agricultores.

Agricultor-como-estilo-vida – Lifestyle-farmer: É um proprietário de terras rural, cujo rendimento advém de fontes exteriores à agricultura. A produção agrícola maioritariamente tende a ser baixa e apenas para consumo próprio. Vivem naquele espaço rural sobretudo por razões de estilo de vida e pela procura de contacto com a natureza. São os consumidores do espaço rural por excelência. No presente estudo irá manter-se a denominação em Inglês.

Agricultor de origem híbrida: Um novo residente originário de contexto urbano, mas que no seu percurso antes da instalação no campo, teve alguma vivência significativa em ambiente rural.

Agricultor-de-tempos-livres – Hobby-farmer: Maioritariamente possuem duas residências, uma urbana e outra rural, partilhando o seu tempo entre as duas realidades. Podem ter outra profissão ou estarem reformados. O rendimento principal advém de fontes não-agrícolas, mas gere a propriedade com alguma orientação para os mercados e poderá vir a tornar-se um agricultor-comercial. Os agricultores de tempos livres, podem ser definidos como aspirantes a agricultor.

Colaboração (com a comunidade): Refere-se à existência ou inexistência de uma relação informal, de apadrinhamento, contratação, apoio (consultoria) não monetário ou ainda de aprendizagem com as comunidades nas quais os agricultores se encontram inseridos

Estudo de caso (Case-study): Um método de análise. 'Estudo de caso' na presente tese é o método de investigação através do qual se investigam as tipologias e tipos de agricultores.

FarmPath: O projeto FarmPath é um projeto de investigação europeu, financiado pela Comissão Europeia. Teve início em Março de 2011 e decorrerá durante três anos. Envolve estudos de caso de 7 países europeus: Reino Unido, Portugal, França, Alemanha, República Checa, Grécia, Bulgária. Pretende identificar e avaliar futuros caminhos de transição para a sustentabilidade regional da agricultura na Europa.

Inovação: Diz respeito ao desenvolvimento de novas técnicas, práticas, relações em rede, utilização de tecnologia com base em pesquisas científica. Outro tipo são inovação social, pode ser o aparecimento de novas formas de organização ou novas formas de ligação com os consumidores.

Novos-residentes: são os indivíduos provenientes maioritariamente de meio urbano que, motivados por razões socioeconómicas, culturais e/ou ambientais, se mudaram pela primeira vez ou regressaram ao meio rural, adquirindo a sua própria terra, ou obtendo-a através de herança. Residem e exercem atividades agrícolas e não agrícolas no campo, e podem ou não ter competências agrícolas. No caso deste estudo constituem a base para o estudo das tipologias.

Região: Neste estudo, a região terá a dimensão de uma área equivalente ao nível NUTS 3, para garantir as características biofísicas e socioculturais bastante homogêneas e sobretudo uma área importante do ponto de vista social. Corresponde neste caso concreto, a uma zona que abarca uma freguesia do concelho de Montemor-o-Novo: Nossa Sr.^a da Vila.

Sustentabilidade da Agricultura: Consensualmente a sustentabilidade implica três dimensões: económica, ecológica e social (alguns autores adicionam uma quarta dimensão: institucional), onde os processos agrícolas são cada vez mais equilibrados entre as várias dimensões. No FarmPath o uso de 'sustentabilidade da agricultura' é utilizado como um processo contínuo, não um estado fixo a atingir. Neste trabalho propõe-se a mesma definição, analisando os impactos dos novos-residentes em espaço rural como parte desse processo.

Tipologia de agricultor - Pode ser usado para diferenciar e agrupar vários proprietários agrícolas. Investigadores de várias áreas, incluindo psicologia social e desenvolvimento rural, utilizam tipologias para, definir e interpretar padrões de comportamento em relação à gestão da terra, que incluem a análise de estruturas de mercado e orientação para os mercados, estilos de agricultura, adoção de inovação, etc.

Tipo de Agricultor – Tipo ou sub-tipologia, permite categorizar agricultores pertencentes a um tipologia global. Diferencia dentro de uma mesma tipologia diferentes valores, atitudes. Diferencia também prioridades de atuação do ponto de vista social, ambiental ou económico. Permite estabelecer uma diferenciação à micro-escala.

Capítulo 1 | INTERPRETAÇÃO DAS DINAMICAS RURAIS E NOVAS PROCURAS NO ESPAÇO

*“Por uma variedade de razões, as propriedades agrícolas nas zonas peri-urbanas atraem os recém-chegados com pouca ou nenhuma relação com a produção agrícola. Eles podem estar à procura de uma alternativa de habitação mais barata, um ambiente agradável para viverem longe da poluição e problemas sociais da cidade, mais espaço para atividades de passatempo ou outras qualidades”
(Berg Wintjes, 2000)*

As transformações e mudanças que afetam atualmente o mundo rural e os desafios que se propõem, tem sido alvo de atenção das políticas de planeamento nacionais, regionais e locais, de ONG's, governantes, investigadores e outros atores.

A análise e investigação sobre os agricultores, enquanto agentes do mundo rural, tem sido tema base em diversos estudos, com o objetivo de melhor conhecer os processos e dinâmicas rurais. Muitos autores têm dedicado a sua atenção ao comportamento destes agentes locais, na análise de processos de multifuncionalidade de gestão, alterações e impactos na paisagem e consequentes formas de gestão.

Considerando não existir um estudo que se tivesse debruçado sobre os novos-residentes no Reguengo-Paião, que se instalaram em pequena propriedade, tendo um contexto de origem urbano ou híbrido, e ao seu comportamento, no que diz respeito à forma como se adaptaram ao espaço que encontraram e ao seu impacto à luz dos processos de sustentabilidade, optou-se por desenvolver este tema na presente tese. Analisaram-se estes novos-residentes, considerando que pertencem a uma tipologia *Lifestyle-farmer*, procurando encontrar-se diferenças e semelhanças do ponto de vista cultural, social, económico e também dos seus valores morais, na perspetiva de identificar vários tipos de *Lifestyle-farmers*.

Pretendeu-se identificar, analisar, e avaliar potenciais impactos de diferentes tipos de agricultores na pequena propriedade, procurando encontrar bases para uma reflexão sobre os seus potenciais impactos na comunidade onde se inserem, procurando ainda e de forma comparativa sugerir qual a tipo que melhor parece potenciar processos de transição para uma maior sustentabilidade do local.

Tendo-se verificado que os diferentes entrevistados, após a sua vinda para um contexto rural se posicionaram e adaptaram, estabelecendo relações com os atores locais (redes existentes, cooperativas ou instituições) e comunidade em geral diferentes, procurou-se perceber como e com que diferenças tal ocorreu.

Neste sentido, procedeu-se à fundamentação teórica das tendências de movimento urbano-rural, evolução demográfica na agricultura, os novos-residentes agricultores e como são percecionados por diferentes autores, com base na literatura disponível encontrada sobre a matéria.

Desta análise de literatura e tratamento de dados conceptual, no sentido de organizar as ideias e conclusões dos vários autores,

- a) foram definidas as tipologias que consubstanciam as ideias globais existentes na literatura.

- b) a partir da literatura disponível, procedeu-se ainda a uma análise de semelhanças e diferenças entre as tipologias identificadas. Saliente-se que esta fase se debruça apenas na literatura e na forma como diferentes autores identificam e caracterizam os novos-residentes em espaço rural.

O motivo que levou a realizar-se esta análise conceptual deveu-se a dois objectivos: Por um lado fazer-se um enquadramento das tipologias disponíveis e por outro tentar utilizá-las, como base conceptual e metodológica, para analisar os tipos de novos-residentes no presente estudo de caso.

Para tal, deu-se continuidade ao estudo já realizado no âmbito do projecto FarmPath – Transições na Agricultura: Caminhos para a Sustentabilidade Regional da Agricultura na Europa”, um projeto de investigação europeu FP7, financiado pela Comissão Europeia e que iniciou em Março 2011 (a decorrer ao longo de 3 anos). No FarmPath, realizaram-se entrevistas, com o objetivo geral de caracterizar em Reguengo-Paião (Montemor-o-Novo), o fenómeno de *Lifestyle Farming* enquanto nicho de transição da perspectiva multinível da Teoria da Transição (Geels 2002), com vista à análise conjunta com outros dois casos de estudo (*Aberdeenshire* na Escócia e *Zhelen* na Bulgária). Realizaram-se assim 10 entrevistas semiestruturadas no caso de estudo português, cuja informação foi utilizada no presente estudo.

A partir das entrevistas e com base nos resultados extraídos iniciou-se uma outra fase, de análise de avaliação de semelhanças e diferenças entre formas de viver e gerir o espaço agrícola, tendo-se definido tipos diferenciados. Estes tipos foram então objecto de reflexão e avaliação, no sentido de perceber o que define o que o faz pertencer um novo-residente um grupo e quais as características que mais definem cada um deles.

Partiu-se do pressuposto, neste caso, que embora teoricamente cada tipo tivesse características estanques, na prática poderia ter fronteiras ténues e pouco definidas, tendo-se procurado analisar essas fronteiras e compará-las com a literatura disponível.

As ponderações finais procuraram compreender o papel que estes atores têm no espaço, de que forma a pertença a determinado tipo tem maior ou menor impacto social, económico e ambiental na comunidade, procurando desta forma e sempre que possível decifrar caminhos para o desenvolvimento local, através de formas de agricultura ou de gestão da terra, que idealmente caminhariam para a sustentabilidade.

De forma resumida e ao longo do estudo procurou-se ter presente as seguintes questões:

1. Existem diferentes tipos de novos-residentes em pequena exploração agrícola, dentro da tipologia *Lifestyle-Farmer* definida?

2. Existem diferenças significativas entre eles em termos de impacto económico, social, cultural e ambiental?
3. A tipo de cada novo-residente dará um maior ou menor contributo para a sustentabilidade do espaço rural onde se insere?
4. Poderão ou deverão as políticas agrícolas e as instituições locais, apoiar de forma diferente cada tipo de agricultor?

1.1. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, iniciando-se com a contextualização ao estudo e identificação dos objetivos. Considerou-se importante realizar também uma abordagem às atuais dinâmicas e tendências rurais.

Neste primeiro capítulo é realizada uma análise conceptual, através da pesquisa e sintetização do que existe e tem sido estudado sobre tipologias de agricultores. Tendo em conta os objetivos do trabalho de análise de impactos, foi ainda realizada uma contextualização sobre sustentabilidade dos sistemas agrícolas.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo de caso, justificando-se as razões da sua escolha e as características específicas que esta zona apresenta, do ponto de vista ambiental, social e económico. Neste capítulo é feita uma breve caracterização da área de Reguengo-paião, local onde decorre o caso estudado, analisando-se os descritores que melhor caracterizam o local e que maior importância apresentam na análise dos impactos da atuação dos novos-residentes.

O terceiro capítulo debruça-se sobre a metodologia adotada para responder às questões formuladas, de forma integrada com a análise conceptual, utilizando-se para o efeito apresentações esquemáticas, de forma organizada e que facilitem a compreensão dos leitores.

Finalmente são analisados os dados, bem como os resultados obtidos, terminando com uma discussão e análise crítica sobre esses resultados e a posterior análise dos potenciais impactos. A dissertação termina com a apresentação das considerações finais no quinto capítulo.

1.2. TENDÊNCIAS ATUAIS NO CONTEXTO RURAL

O mundo rural representa a maioria do território português, nele habitando cerca de 40% da população portuguesa (DGA/DGAEA,2003), e a sua manutenção ou aumento da competitividade representa um importante instrumento estratégico para o crescimento económico, o desenvolvimento humano e a sustentabilidade ambiental.

As zonas rurais experienciam de forma incongruente dois fenómenos demográficos, por um lado o abandono, dos casais jovens, das cidades e zonas de interior, que procuram melhores condições de vida, e por outro a nova experiência de imigração urbano-rural, sobretudo para zonas com boas acessibilidades, vantagens climáticas ou outras.

Estas áreas sentem, paralelamente aos efeitos demográficos do envelhecimento generalizado das populações, os efeitos de mudanças económicas e políticas agrícolas (como as alterações nos subsídios e políticas de gestão agrícolas e as oscilações dos preços e procura de mercado), bem como o agravamento das condições climáticas (com o aparecimento de fenómenos climáticos raros com consequências nefastas para a produtividades agrícola). Acresce ainda a estas tendências, o défice em educação e investigação e ainda a baixa produtividade.

As exigências da sociedade relativamente ao espaço rural também sofreram alterações evidentes. A sociedade atual olha o espaço rural como um espaço de consumo e não apenas de produção (Wilson,2007), no qual a agricultura fornece um conjunto de amenidades, como recreio, turismo, natureza ou usos residenciais. As mudanças em curso, conceptualizadas por Wilson (2008) e Holmes (2006; 2012), conduzem a paisagem rural para novos modos de ocupação, mais complexos e multifuncionais, nos quais os “interesses urbanos” são dominantes (Holmes, 2006).

Debates, sobretudo em fases pós-productivistas têm vindo a sugerir que as praticas agrícolas em economias avançadas caminham em sentido contrário da agricultura – por outras palavras a noção de práticas agrícolas ou gestão agrícola (ou agro-cultura nas palavras de Pretty's, (2002)) está a mudar, incluindo atualmente atividades não-agrícolas (Wilson, 2009).

Segundo Berg & Wintjes (2000), por uma quantidade de razões, as propriedades agrícolas em áreas peri-urbanas atraem cada vez mais, novas pessoas com pequena ou nenhuma relação com a produção agrícola. Eles poderão procurar uma alternativa mais barata de casa, um local de vivência ambiental longe da poluição e dos problemas das cidades, mais espaço para atividades de tempos livre ou outras características.

Em 1988, a Comissão das Comunidades Europeias reconhece que “as áreas rurais não são apenas lugares onde as pessoas vivem e trabalham, mas desempenham ao mesmo tempo funções vitais para a sociedade como um todo”.

Assim, conforme se pode observar na figura 1, as atividades agrícolas são aprofundadas, expandidas e/ou ligadas a outros atores de forma a produzir bens com maior valor acrescentado por unidade e que se ajustam melhor às exigências da sociedade em geral (Marsden et al. 2000; Renting et al. 2009).

A criação de novas ligações entre a produção e o consumo como por exemplo o agroturismo, a gestão de natureza e da paisagem, o desenvolvimento de novas atividades na exploração e a diversificação tendem a aumentar (Ploeg, 2002). As explorações agrícolas de pequena dimensão são, em parte, constituídas por rendimentos exteriores à sua atividade, o que permite a sua manutenção que, de outra forma, poderia não ser possível. Enquanto, no passado, a pluriatividade das explorações poderia ser interpretada como um sinal de pobreza ou de agricultura ‘deficiente’ (Etxezarreta 1985 cit. in Ploeg et al., 2002), atualmente está a tornar-se, cada vez mais, uma expressão de riqueza; para uma parte da população manter simultaneamente a atividade da exploração com um emprego urbano é a melhor combinação para habitar no espaço rural e ter uma segurança no rendimento auferido.

Poderá dizer-se, como refere Baptista (2007), que existe um rural que deixou de ser agrícola e se encontra agora dissociado do espaço agro-florestal, que tem vindo a perder população, onde, embora tenham melhorado as suas condições de vida, continuam a subsistir situações de pobreza. Segundo o autor, um rural que vive mudanças sociológicas e novas dinâmicas populacionais, com um novo modelo de governação, democrático, que adquiriu capacidade técnica e intelectual e onde emergem novas procuras por atividades territoriais e associadas à valorização económica dos recursos naturais.

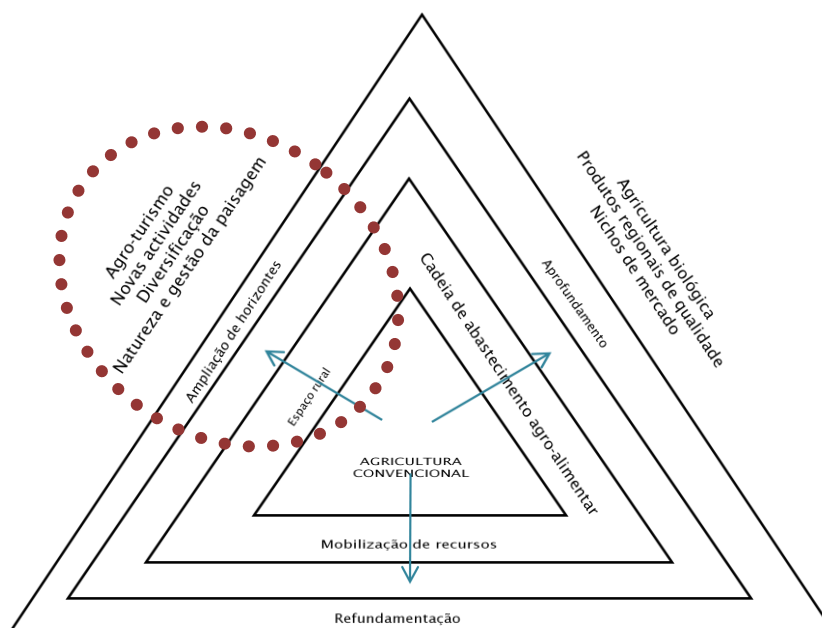


Figura 1 - A estrutura do desenvolvimento rural ao nível da exploração agrícola (Fonte: *Ploeg et al., 2002*)

1.3. VOLTAR AO CAMPO? UMA REALIDADE?

Entre 1950 e 1990, como fez notar Fernando Oliveira Baptista (1996), a percentagem dos que trabalhavam na agricultura no conjunto da população ativa passou de 48% para 10%. A população ligada a explorações agrícolas no total da população residente diminuiu de 55% para 20%. A contribuição da agricultura para a produção do país (valor acrescentado bruto agro-silvícola/produto interno bruto a preços correntes) baixou de 28% para 5%.

Como se apresenta na tabela 1, os dados de recenseamento agrícola de 1999 e de 2009 do INE, I.P., são irrefutáveis, numa década o número de explorações agrícolas geridas sob a forma jurídica de produtores singulares ou chefes de exploração diminuiu 27%, sendo esta tendência maior no sexo masculino. A diminuição sentiu-se mais nos chefes de exploração com idades abaixo dos 35 anos e dos 35 aos 45 anos. Relativamente ao nível de instrução e segundo estes dados, houve a tendência contrária, significando que houve um aumento do número de chefes de exploração a desenvolver atividade agrícola com nível de qualificações secundário e superior e uma diminuição dos que não possuíam qualquer tipo de qualificação ou possuíam apenas a qualificação de nível básico.

PRODUTOR AGRÍCOLA SINGULAR	Número de Explorações Agrícolas geridas por produtores singulares ou chefes de exploração (1999)	Número de Explorações Agrícolas geridas por produtores singulares ou chefes de exploração (2009)
Chefes de Exploração	409 308	297 361
SEXO DOS CHEFES DE EXPLORAÇÃO		
Chefes de Exploração - Homens	314 254	204 511
Chefes de Exploração - Mulheres	95 054	92 870
IDADE DOS CHEFES DE EXPLORAÇÃO		
< 35 anos	17 023	6 845
35 a < 45 anos	46 768	22 961
45 a < 55 anos	79 817	51 711
55 a < 65 anos	111 102	73 947
> = 65 anos	154 598	141 917
NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS CHEFES DE EXPLORAÇÃO		
Nenhum	140 706	65 691
Básico	249 281	206 156
Secundário	8 929	12 446
Superior	10 392	13 088
TEMPO DE TRABALHO AGRÍCOLA DOS CHEFES DE EXPLORAÇÃO		
> 0 a < 50 %	205 867	151 241
> = 50 % a < 100 %	136 397	82 944
Tempo completo	67 044	63 146
ATIVIDADE EXTERIOR REMUNERADA		
Principal	115 890	72 081
Secundária	7 825	4 689

Tabela 1 - Recenseamento Geral da Agricultura - 1999 e Recenseamento Agrícola - 2009. Fonte: INE, I. P

Depois da diminuição de chefes de exploração desde final de 2009, os boletins de emprego mostram que a partir do primeiro trimestre de 2012 o número de trabalhadores da agricultura e produção animal passou a crescer: de 477,1 mil nos primeiros meses do ano para 500,8 mil no 3º trimestre.

Segundo dados atuais do Ministério da Agricultura assiste-se no momento atual a uma crescente procura de investimento no mundo rural, com cerca de 280 pedidos mensais a nível nacional, de instalação de jovens agricultores (Amorim, R. (2013).

Estes números representam interesse mas não existem dados do retorno. Ainda assim poderá perguntar-se se serão números sustentáveis? Estas pessoas que se propõem a ser novos agricultores, terão iguais objetivos ambições, expetativas? De que forma se vão adaptar às realidades que vão

encontrar? “Se é certo que alguns projetos tem condições para avançar, outros poderão ter grandes deficiências em termos de planeamento, domínio de mercados, gestão estratégica”¹

Importa também refletir sobre o impacto deste movimento cidade-campo ao nível local e regional e perante os números referidos. Considerando neste caso, uma única tipologia de agricultores do tipo *Lifestyle-farmers*, importa perceber entre eles, que tipos de agricultores terão um impacto mais positivo e mais negativo no sentido da sustentabilidade no desenvolvimento rural, de forma a possibilitar ajustes das políticas agrícolas e das estruturas regionais e locais de apoio agrícola. Ao compreender como se relacionam os vários tipos de novos-residentes e ao analisar o seu impacto relativo, esta tese pretendeu ser um pequeno contributo neste tão vasto terreno.

1.4. A TIPOLOGIA *LIFESTYLE FARMING* E A COMPLEXIDADE ASSOCIADA À DEFINIÇÃO DE NOVOS-RESIDENTES

Diferentes nomenclaturas e descrições têm sido utilizadas para caracterizar diferentes agricultores ou gestores da terra ou para caracterizar formas de relação entre pessoas e o espaço rural. Surgem assim várias definições de novos-rurais, novos-agricultores em espaço rural, novos-residentes em espaço rural. Algumas destas definições são estabelecidas de forma adaptada às especificidades de cada trabalho ou aos objetivos que se procuram atingir.

Gurria (2007), secretário-geral da OCDE em 2007, sugere que se considerem novos-rurais pessoas de diferentes idades e perfis que decidam regressar às zonas rurais ou que o façam pela primeira vez.

Candiotto e Corrêa (2008), acrescentam a esta caracterização o facto destas pessoas, procurarem na sua vinda ou regresso, um espaço de residência em função sobretudo da tranquilidade e da proximidade com a “natureza”.

Existem outros autores como Soares, Fagnani e Bergamasco (cit in Roca (2011)), que referem que as residências nas zonas rurais, poderão ser segundas residências ou residência habitual no espaço rural, diferenciando as pessoas que adotam cada uma destas situações.

António Covas (2009), vai ainda mais longe, considerando não ser necessário habitar em meio-rural para se ser considerado um neo-rural/novo-rural. Segundo António Covas, ser novo-rural relaciona-

¹ Comunicação Oral do Eng. João Basto, presidente da EDIA em comunicado no programa “Por onde Vamos” na SIC Notícias. URL | <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/porondevamos/2013/09/16/por-onde-vamos-a-agricultura-portuguesa>

se com o facto de se ter uma cultura pro-campo, “... são amigos do campo mesmo vivendo na cidade grande (Covas, 2009).

Baptista (2007) debruça-se não sobre os novos-rurais, mas sobre novos-residentes, referindo que estes se fixam no espaço rural para residir e, por vezes, para desenvolver também iniciativas de carácter empresarial, por exemplo ligadas a pequenas indústrias ou comércio, orientadas para mercados regionais ou nacionais; existe também a renovação de habitações antigas com o fim de se tornarem residências secundárias, surgindo também novas construções; os emigrantes e a população que trabalha nos centros urbanos regressam não apenas no Verão ou nas épocas festivas mas também para passar os fins-de-semana, o que tem sido favorecido pela melhoria dos acessos e da rede viária. Segundo este autor o fenómeno cidade-campo ou urbano-rural e o surgimento de novos-residentes em espaço rural, surge assim potenciado pela acessibilidade.

Na última década, o conceito de multifuncionalidade da agricultura (MFA) (multifunctional agriculture concept) surgiu como um conceito-chave no debate científico ou na discussão acerca do futuro da agricultura e do desenvolvimento rural. Em linhas gerais, MFA refere-se ao fato de que a atividade agrícola, além de seu papel de produzir alimentos e fibras também pode ter diversas outras funções tais como a conservação de paisagem, a biodiversidade e a gestão dos recursos naturais renováveis e contribuição para a viabilização socioeconómica das zonas rurais. (Renting et al, 2009), funções associadas de consumo, produção e conservação. Surge nesta perspetiva uma abrangência maior para aquilo que se pode considerar o potencial das zonas rurais, a desenvolver pelos novos-residentes, novos gestores da terra, ficando ainda subjacente a necessidade de novas abordagens ao nível das políticas públicas, que englobem estas novas funções do mundo rural.

Wilson (2008), refere que os novos-residentes são sobretudo “consumidores do espaço” e não “produtores” rurais, ainda que a atividade agrícola seja existente.

No projeto *FarmPath* aplica-se o termo novos-residentes para aqueles que estão orientados para um estilo de vida rural, próximo da natureza e de hábitos mais saudáveis de consumo e de vida ou mesmo para fins de recreio – que se pode denominar como *Lifestyle Farming* (agricultura como estilo de vida). Quem se dedica a este tipo de agricultura tem motivações diferentes dos que se dedicam a uma agricultura orientada maioritariamente para a criação de rendimento e para a produção. Consideram-se novos-residentes também aqueles que não produzem ou que não desenvolvem atividades agrícola.

Neste estudo partiu-se desta tipologia *Lifestyle farmers*, para analisar as suas diferentes complexidades e perceber se existem dinâmicas diferentes entre eles, justificando a sua separação e tratamento em tipos diferenciados.

1.5. TIPOLOGIAS DE AGRICULTORES

Classificar as pessoas em grupos, para melhor compreender o seu comportamento não é um novo conceito. A principal razão para a construção de tipologias do agricultor (e tipologias em geral) deve-se ao facto de permitirem apresentar e compreender características de uma distribuição multivariada, isto é, quando os fatores são complexos, as tipologias podem identificar padrões ou 'tipos' nos dados (Ilbery,1981). Assim, eles permitem ao investigador (e outros) explorar possíveis caminhos de desenvolvimento através da criação e apoio de tipos ideais.

Se as tipologias e tipos diferenciam os agricultores entre eles, não nos devemos esquecer que neste processo todos são, de facto, agricultores. Todos indiferentemente da tipologia, se relacionam com o espaço através da agricultura e que se aproximam e se afastam em formas de agir/pensar, da sua percepção e do seu posterior comportamento.

Diferentes autores elencam diferentes tipologias. Primdahl (1999, p. 145), utiliza o termo agricultor de tempos livres (*hobby-farmer*) para se referir a “um agricultor cujo rendimento fora da agricultura é superior ao rendimento que advém da agricultura” por oposição ao agricultor comercial (*comercial-farmer*) cujo rendimento agrícola é bastante representativo no rendimento global, não excluindo a existência de um rendimento “fora” da agricultura. Na sua análise e investigação, este autor concluiu que os agricultores-de-tempos-livres investem maioritariamente dos seus fundos financeiros, não dependendo geralmente de apoios/subsídios estatais. Concluiu também que as alterações no uso do solo e a inclinação para a extensificação das operações agrícolas são maiores no caso dos *deste tipo de agricultores*. Primdahl não diferencia nesta tipologia, diferentes tipos ou sub-tipologias.

Shucksmith e Herrmann (2002), no seu estudo na região de Grampian – Escócia, combinaram abordagens qualitativas e quantitativas para desenvolver uma tipologia de agricultores. Nas suas tipologias surge o agricultor-de-tempos-livres, definido segundo uma análise de clusters. Os tipos, dentro desta tipologia, não foram definidas apenas considerando uma característica específica, no entanto concluíram que os agricultores-de-tempos-livres têm tendência a ter menos de 4 ha. Outras

características que destacam, inclui o facto de terem geralmente altos níveis de educação e experiência agrícola limitada, não sendo na sua maioria originários de contextos rurais. Na verdade e segundo estes autores, a maioria não se consideram a eles próprios agricultores, definindo-se em vez disso, por uma outra profissão fora da quinta/parcela agrícola. As exceções dizem respeito a agricultores comerciais reformados, que foram também incluídos neste tipo. Os autores/investigadores argumentaram que, embora este grupo fosse pouco representativo na sua amostra, o número de agricultores-de-tempos-livres/agricultores comerciais reformados tenderia a aumentar, especialmente em pequenas explorações com menos de 20 ha.

Bohnet (2008) desenvolveu uma outra tipologia de agricultores na Austrália, baseando-se inteiramente em entrevistas qualitativas. Ela encontrou cinco tipologias de agricultores, dos quais 2 são *hobby-farmers* e *Lifestyle-farmers*. A investigadora concluiu que os agricultores do tipo *Lifestyle-farmers* tipicamente desistiram das suas profissões na cidade para produzir culturas tropicais e produzir o seu próprio alimento, geralmente em parcelas de menos de 20 ha. Os *hobby-farmers* estão da mesma forma orientados para um estilo de vida rural, mas distinguem-se por terem as explorações de maiores explorações (30 ha) e gastarem dinheiro ganho fora da exploração na gestão da exploração.

Em Inglaterra, Holloway (2000) analisou pequenos agricultores (*Smallholdings*) através das formas de expressão e comunicação de várias associações como por exemplo, a *Central Scotland Smallholders Association* e a *Scotland Smallholder's Association*. Da análise dos seus sites institucionais, este autor concluiu que os pequenos agricultores tendem sobretudo a procurar produzir alimento para consumo próprio. Segundo o investigador não havia nenhuma definição absoluta de pequeno agricultor, simplesmente afirmando que se trata de agricultura de pequena escala, que envolve consumo de ruralidade (ou seja, os aspetos da vida rural). Para este investigador, um pequeno-agricultor tende a envolver uma postura moral sobre a produção de alimentos. Como tal, Holloway defende que ser um *smallholding* é sobretudo uma opção de vida, um passatempo para os envolvidos.

Blekesaune et al (2010) analisaram pequenas propriedades de forma mais rígida, tomando por base as definições legais existentes na Noruega. Neste país está legislado que pequenas propriedades são definidas como menos de 10 ha e com não mais de 2 ha totalmente cultivados. Propriedades com menos de 2 ha de terras cultivadas podem ser vendidas como uma mercadoria no mercado livre. Esta especificidade, faz com que estas pequenas explorações se tornem mais fáceis de adquirir por não-agricultores e aumenta a possibilidade destas pessoas terem aqui uma segunda casa, tornando o fenómeno de pequenos agricultores uma realidade com expressão nacional. Blekesaune,

desenvolveu uma tipologia de pequenos agricultores, que se diferenciaram segundo as suas ambições pessoais: aspirantes-a-agricultores (*Aspiring farmers*), apaixonados pela vida-no-campo (*country-life lovers*) que desejam ter uma residência rural e procuradores-de-atividades-recreativas (*Recreation seekers*) que ambicionam sobretudo adquirir uma segunda casa.

Sutherland (2012) no seu estudo no Reino Unido definiu os agricultores de tempos-livre (*Hobby-farmers*) como tendo menos de 50 ha e uma orientação para a produção recreativas de bens e serviços agrícolas. Segundo a investigadora, o seu estudo focado em explorações não comerciais, poderia ocorrer numa variedade de escalas, não se limitando apenas à produção em pequena escala.

Wilson (2008), baseando-se em outros autores e de forma a categorizar diferentes tipos de agricultores segundo o seu espectro multifuncional produtivista/não-produtivista, refere que os agricultores como estilo de vida ou agricultores de tempos-livres são aqueles que encaram a agricultura como um hobby e que não dependem da venda de alimentos e fibras para a sua sobrevivência económica. Muitas vezes têm um rendimento estável fora da agricultura. Segundo Wilson este tipo de agricultores encontra-se perto dos agricultores considerados extremos no espectro não-produtivista, com índices muito baixos de multifuncionalidade da exploração. Refere ainda que este tipo de agricultores têm estas características porque são sobretudo “consumidores do espaço” e não “produtores” rurais. Este aspeto, aliado à não dependência económica daquela propriedade, faz com que não exista a necessidade de maximizar e rentabilizar esse espaço.

No projecto “FarmPath – Transições na Agricultura: Caminhos para a Sustentabilidade Regional Agrícola” agrupam-se os agricultores, de acordo com a sua relação de dependência financeira da produção agrícola, o tipo de orientação para o mercado ou como forma de gerir o espaço, diferenciando-se em 4 tipos:

- *Lifestyle farmer* como um proprietário rural no qual a sua dependência económica não provem da agricultura e o valor da produção agrícola tende a ser baixo. A opção de viver no campo tem sobretudo a ver com estilo de vida em detrimento da orientação de gestão para o mercado.
- “Agricultor de tempos livres” (*Hobby Farmer*) – este agricultor, apesar de se financiar maioritariamente em fontes não agrícolas, gere a terra numa perspetiva comercial, está claramente orientado ao mercado. Este tipo de agricultores tem tendência a identificar-se como agricultor profissional.
- “Agricultor – novo agricultor” (*New Entrant farmer*): É um novo-ator no sector agrícola que não tem experiência anterior no sector agrícola. Este agricultor é considerado um aspirante a

quebrar com a agricultura tradicional. Este tipo de agricultor poderá ter adquirido através de compra a terra pela primeira vez, pode ser arrendada ou pode ser herdada.

- “Jovem agricultor” (*Young Farmer*) podem ser definidos de 2 maneiras. (1) aqueles que têm menos do que 40 anos, possuem as competências necessárias para a prática agrícola, vão tornar-se agricultores pela primeira vez e se assumem como “chefes de exploração”. Esta é a designação que baseia os financiamentos comunitários (2) O Eurostat designa jovens agricultores, aqueles que têm menos que 35 anos de idade. Esta abordagem é utilizada sobretudo na discussão sobre o envelhecimento da população de agricultores na Europa.

1.6. SUSTENTABILIDADE DOS SISTEMAS E DESENVOLVIMENTO RURAL

Considerando que as relações sociais, os modelos produtivos e a interação entre o Homem e a natureza tem vindo a sofrer alterações, surgiu a necessidade de criar novos referenciais para a conceção do desenvolvimento. Este passo em frente, passou a considerar a existência de múltiplas realidades, e no qual o Homem surge como parte integrante da natureza, abolindo a sua dominância sobre os sistemas (Amorim, 2009)

As políticas económicas clássicas, tipicamente procuram aumentar o Produto Interno Bruto (PIB) e induzir a produção eficiente de bens para consumo (comercializáveis) e serviços. A estabilidade dos preços e do emprego, são objetivos importantes que também medem a qualidade de vida das populações.

Muitos argumentam (e este movimento tem sido cada vez mais relevante), que o crescimento económico desenfreado é insustentável, e apontam limitações práticas na aplicação das regras da sustentabilidade económica, sem a salvaguarda das questões ambientais e sociais.

Muitas abordagens microeconómicas comumente usadas, dependem fortemente da análise marginal com base em pequenas perturbações. Do ponto de vista da teoria de resiliência, um sistema tão levemente perturbado, retorna ao seu equilíbrio estável dominante e, portanto, o risco de instabilidade é baixo.

Ao contrário de sociedades tradicionais, a sensibilidade para as questões ambientais tem vindo a acentuar-se nos últimos anos. Começou a reconhecer-se a necessidade de gerir os recursos naturais de forma prudente – porque o bem-estar humano depende, em última análise dos serviços ecológicos disponíveis. Refere Munasinghe (1992) e tantos outros autores, que ignorar os limites

ecológicos seguros aumentará o risco de prejudicar as perspectivas de desenvolvimento a longo prazo.

Segundo a WWF (World Wild Fund), também a sustentabilidade social deve ser discutida à luz das ideias da sustentabilidade ambiental. Reduzir a vulnerabilidade dos sistemas e manter o vigor das suas componentes sociais e culturais é de extrema importância para um desenvolvimento equilibrado. O reforço do capital humano (através da educação) e o reforço dos valores sociais, instituições e equidade irão melhorar a resiliência dos sistemas sociais e de governança. Muitas dessas alterações ocorrem lentamente, e os seus efeitos a longo prazo são negligenciados em análises socioeconómicas. Munasinghe (2001) desenhou inclusivamente os paralelos entre os papéis da biodiversidade e diversidade cultural no aumento da resiliência dos sistemas ecológicos e sociais e as interligações entre eles. O reforço da coesão social e redes de relacionamentos, a redução de conflitos destrutivos, são também elementos integrantes nesta abordagem.

A análise de um sistema e os paradigmas de gestão da terra, devem ser assim analisada do ponto de vista do tão conhecido triangulo proposto em 1987, pela Comissão de Brundtland e apresentado à ONU em 1992, no qual se caracterizam as 3 dimensões do desenvolvimento sustentável e as interconexões entre elas. Este conceito preconiza um tipo de desenvolvimento que corresponde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responderem às suas próprias necessidades.

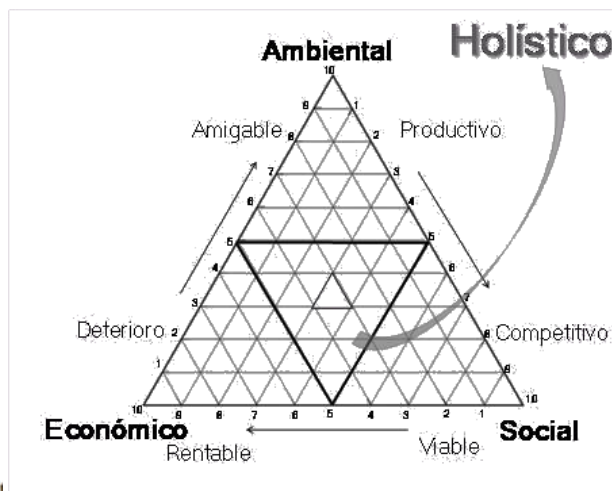
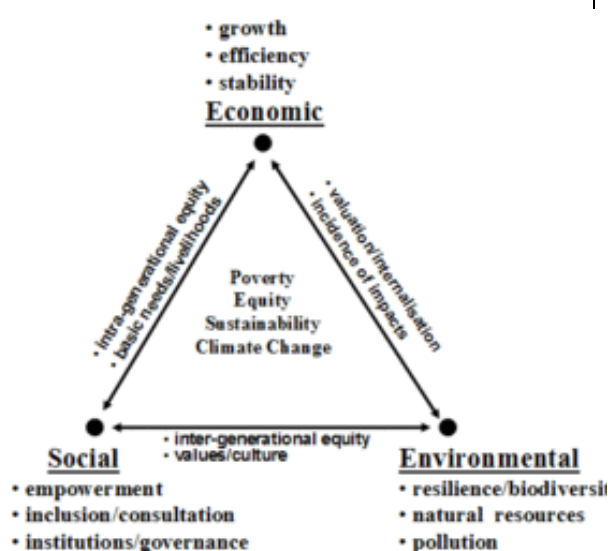


Figura 2: Triângulo de Desenvolvimento Sustentável– elementos-chave e interconexões Fonte: Munasinghe 1992, 1994, adaptado de CMMAD, 1991(esquerda) e as três dimensões do conceito de sustentabilidade (Peter Nijkamp, 1990) (à direita)

A atividade agrícola e a gestão da terra em todas as suas realidades e dimensões, deve também ser vista e analisada à luz da sustentabilidade. No White Paper on Adapting to Climate Change (2009) da Comissão Europeia, está claramente identificada a importância de aumentar a sustentabilidade da agricultura de forma a ir de encontro aos desafios futuros. (Sutherland et al., 2004)

Um dos maiores obstáculos que se encontram nesta matéria, diz respeito à falta de indicadores para medir esse desenvolvimento sustentável. Nenhum dos 3 objetivos do desenvolvimento sustentável (económico, ambiental e social) se mede com parâmetros compatíveis. Os indicadores que se utilizam para quantificar cada objetivo não tem um denominador comum e não existem formulas de conversão. Ainda assim, e não obstante a subjetividade associada, procurar compreender as ligações subjacentes ao triângulo da sustentabilidade e enquadrar a atividade dos novos-residentes neste triângulo, estará na base da definição de tipos de agricultores para o nosso estudo. Será estabelecida uma ligação e uma análise entre os valores e as formas de se relacionarem com o espaço, com o trinómio do desenvolvimento sustentável, partindo-se deste ponto para a análise dos seus impactos aos níveis ambiental, social e económico.

No presente trabalho, a sustentabilidade da agricultura, em pequena propriedade é entendida como um processo contínuo, que envolve o equilíbrio entre a vertente económica e os bens e serviços que lhe estão associados, a dimensão social que implica a interação agricultor-comunidade aos níveis, económico e social e a vertente ambiental, através das articulações estabelecidas entre o novo-residente, as suas práticas de gestão e a sua atitude perante os valores ambientais e as suas dinâmicas.

Ao nível social, as novas utilizações do espaço não apresentam muitas vezes, uma grande relação com as atividades a que se dedicam as suas populações, funcionando à margem dos núcleos da população e beneficiando principalmente os proprietários dos espaços, com um impacto social de baixa intensidade. Um exemplo desta situação é o aproveitamento da caça no Alentejo ou iniciativas de turismo que estão a surgir na região do Douro, os quais são desenvolvimentos que evidenciam a separação económica entre a sociedade rural e o seu território. Embora a atuação dos atores exteriores seja decisiva para promover iniciativas, as quais têm maioritariamente repercussões positivas na vida rural, convém, a este propósito, reter uma conclusão de *Perez-Yruela (2002, cit. in Baptista, 2003)*: “os atores “externos salvam ou afundam o desenvolvimento local em função das estratégias de negócio em que operam”.

Os entrevistados terão diferentes impacto ambientais nos recursos biológicos, em especial sobre a fauna e sobre a flora consoante o seu grau e intensidade de intervenção no ecossistema. Um

agricultor com orientação para o mercado e que procure utilizar o seu espaço na produção de determinada espécie ou cultura terá um maior impacto sobre a fauna e sobre a flora, na medida em que altera o uso do espaço, diminuindo a biodiversidade e o habitat das espécies que caracterizam a área. Da mesma forma fará uma maior utilização dos recursos hídricos, com eventual alteração dos cursos de água existentes ou apenas através da utilização de águas do subsolo.

Ao nível da paisagem, o impacto que cada novo-residente dependerá da maior ou menor dinâmica de intervenção de cada um na alteração do espaço, do seu próprio entendimento e aspirações daquilo que é a paisagem, ou até do que “quer fazer com ela” no seu papel de gestor do território.

Segundo *Hollier C. (2007) os Lifestyle-farmers*, escolhem os locais onde se pretendem instalar, por comodidade e conveniência, e não porque são lugares onde podem maximizar o seu rendimento. Favorecem paisagens atraentes geralmente, uma mistura de colinas e montanhas, clima ameno, presença de corpos de água e proximidade de serviços. A combinação destas características biofísicas é muitas vezes em regiões ecologicamente sensíveis, ou em áreas propensas à degradação ambiental. Poderá considerar-se que a paisagem é um valor altamente valorizado por quem deseja viver nestes territórios, embora ela possa ser diferentemente percebida. As funções que cada novo-residente procura na paisagem poderá levar a ações sobre ela mais ou menos impactantes. Um agricultor comercial poderá necessitar da terra para a sua produção, procurando áreas mais limpas e menos naturalizadas. Um *Lifestyle-farmer* poderá procurar menor presença humana, paisagens mais naturalizadas, maior multifuncionalidade da paisagem (Pinto-Correia, 2008).

O equilíbrio entre decisões e ações sobre a paisagem, é uma chave para entender as diferenças entre lugares e como a paisagem se vai alterando (*Jones, 1988 cit. In Primdahl, 1999*).

CAPITULO 2 | ESTUDO DE CASO

“...esta era uma zona de muitos fazendeiros, em que todos tinham e cultivavam a sua horta, dedicando-se à agricultura. Tudo era semeado. Chegávamos a ter aqui 3 eiras. As pessoas - trabalhavam imenso, do nascer ao pôr-do-sol, o que provocou grande emigração...” Francisco

Augusto de Oliveira, proprietário de uma ex-mercearia no Reguengo in Do Reguengo a S.
Mateus – dois passos no caminho de uma gente

O estudo de caso constitui uma estratégia de pesquisa utilizada nas Ciências Sociais com bastante regularidade. Pode afirmar-se que é a estratégia mais utilizada quando se pretende conhecer o “como?” e o “porquê?” (Yin, 1994), quando o investigador detém escasso controlo dos acontecimentos reais ou mesmo quando este é inexistente, e quando o campo de investigação se concentra num fenómeno natural dentro de um contexto da vida real.

Coutinho (2003), refere que quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação. Da mesma forma, Ponte (2006) considera que é uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.

Se o estudo de caso fornece pouca base para generalizações, é importante lembrar que o que se procura será generalizar proposições teóricas (modelos) para o caso particular e não proposições sobre todos os novos-residentes num panorama global.

2.1. ENQUADRAMENTO AO ESTUDO DE CASO (CASE-STUDY)

Nos arredores de Montemor-o-Novo, especificamente numa pequena área a cerca de 4 Km de Montemor-o-Novo, e distando 100 Km de Lisboa, localiza-se a área de Reguengo-Paião. Esta área com cerca de 6000 hectares, caracteriza-se por ser uma zona de características rurais, onde predominam explorações/propriedades agrícolas de pequena dimensão (com cerca de 8 ha).

Nesta área assistiu-se a um movimento de migração urbano-rural que se iniciou sobretudo na década de 90 e que se mantém, tendo-se verificado a compra de propriedades rurais de pequena dimensão, a construção ou adaptação de casas existentes e a instalação de pessoas (novos-residentes) sozinhas ou em família, com *background/vivências* e contexto urbano e que procuraram aqui o seu espaço de habitação, produção e lazer.

A escolha da zona de estudo deveu-se, entre outros aspetos, ao facto de se perspetivar nas pessoas que habitam este espaço uma multiplicidade de valores e de formas de se relacionar com o espaço diferentes, através das quais seria possível analisar o fenómeno Lifestyle-farming.

Partiu-se também da convicção de que seria eventualmente possível extrapolar os resultados para outras zonas do país ou do mundo que apresentassem condições semelhantes do ponto de vista geográfico, cultural, social, político, de acessibilidade e que tivessem também sentido este fenómeno de imigração, numa perspetiva de análise mais global.

A proximidade geográfica de grandes centros urbanos (zona próxima de Setúbal cerca de 40 Km e de Lisboa cerca de 100Km) e a correspondente acessibilidade, bem como as condições sociais e culturais associadas a este tipo de locais, poderão estar relacionados com a tendência Lifestyle-farming, sendo este facto também objeto de análise.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

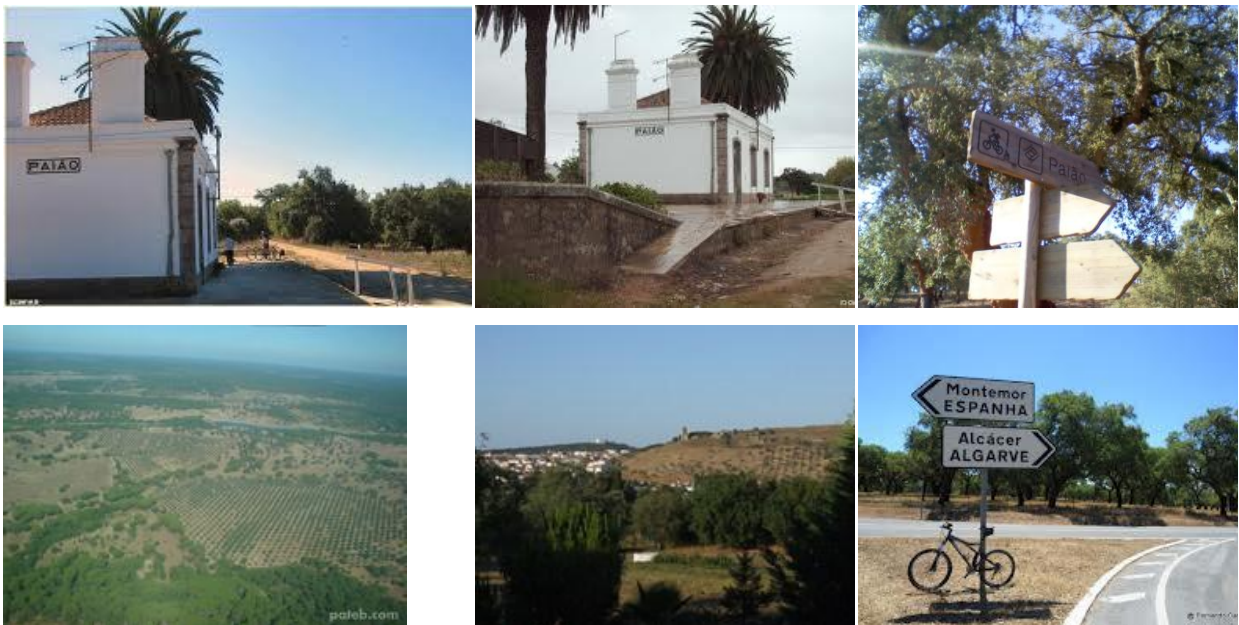


Figura 3 – Fotografias da área de Reguengo-Paião (fonte: googlemaps – Bruno Perosa, Maria Marques, Travel JLC, Pateb)

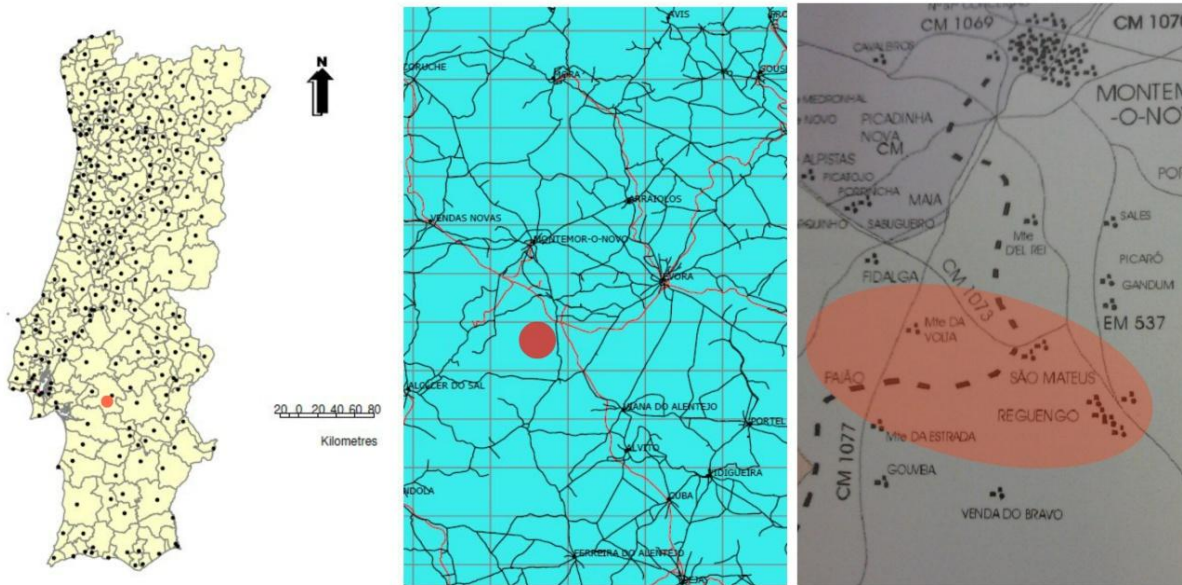


Figura 4 - Cartografia da Zona em Estudo

A área do Reguengo-Paião insere-se numa zona de montado, com características agro-silvo-pastoris típicas da zona sul da Península Ibérica e da região alentejana.

O elemento fundamental do relevo da região é uma superfície de erosão, aplanada, designada por peneplanície alentejana, marcada pela presença próxima e visível de um importante conjunto morfológico - a serra de Monfurado.

Esta serra com uma altitude máxima de 400 metros (Feio & Martins, 1993 in Espírito-Santo et al 2007) é constituída por um conjunto de relevos visíveis e influentes na área em estudo.

As características biofísicas da área em estudo, a extraordinária riqueza faunística e florística, que inclusivamente levaram à sua inclusão na lista nacional de sítios, com a delimitação de uma zona enquadrada no sítio de Monfurado, poderão explicar algumas das razões de vinda dos novos-residentes para esta zona. Para que se possa ter uma perceção da zona, entendeu-se pertinente realizar uma caracterização biofísica resumida e enquadradora dos principais descritores considerados relevantes para o estudo.

2.2.1. HIDROLOGIA E REGIMES HÍDRICOS

A área em estudo insere-se na transição da Bacia do rio Sado e da Bacia do rio Tejo, bacias com uma área de aproximadamente 7640 Km² e 24800 Km² respetivamente, no território português.

As ribeiras mais próximas da área em estudo são a ribeira da Marateca, a ribeira de São Martinho, a ribeira de Lage e também o rio Almansor (ver Fig. 6). Os troços caracterizam-se principalmente por linhas de água de cabeceira, com formação em nascentes. Estes cursos de água apresentavam regimes irregulares, devido à estreita relação que mantem com o clima da região, bem como com as características de baixa permeabilidade das rochas dominantes (Pereira, 2002).

A escassa pluviosidade, aliada à elevada evaporação registada durante os meses do Verão, reduzem os caudais, permanecendo a água estagnada em pequenas charcas ou pegos entre os bancos de areia ou entre os afloramentos rochosos que constituíam o fundo do leito das ribeiras. Em contrapartida, nos meses de Inverno, devido a chuvas abundantes durante dias consecutivos, originavam um rápido aumento dos caudais, provocando enxurradas, cujas correntes arrastavam materiais, que desgastavam as margens das ribeiras, alterando anualmente os seus perfis longitudinais. As linhas de água de menor importância e as de drenagem natural, apenas têm água nos meses mais chuvosos, encontrando-se secas nos restantes meses do ano, funcionando como linhas de escoamento de águas das chuvas.

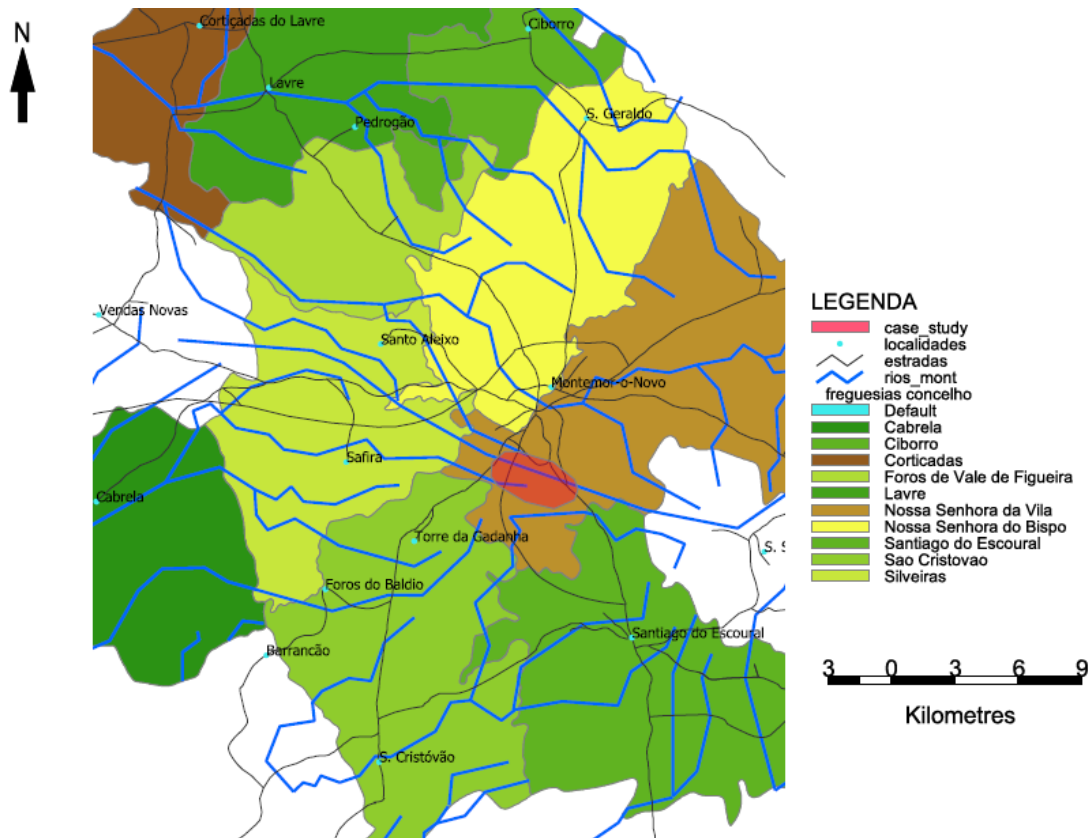


Figura 5 - Mapa Hidrológico da área em estudo

2.2.2. SÍNTESE CLIMÁTICA

A zona de Reguengo-paião, localizada a Sul de Portugal, é caracterizada pelo clima Mediterrânico típico do Alentejo, onde existem grandes amplitudes térmicas com Invernos frios e com formação de geadas e os verões secos com temperaturas médias elevadas, em que o valor de precipitação mensal é inferior a 650/750 mm. No entanto esta zona, por sofrer influência da Serra de Monfurado com precipitações mais elevadas que as áreas circundantes, poderá apresentar valores de precipitação e humidade superiores às da cidade de Montemor, podendo atingir valores até 900 mm na zona da Serra de Monfurado (CHAMBEL, 1990).

2.2.3. BIOGEOGRAFIA

Segundo M. Pereira (2007), o enquadramento biogeográfico da zona, realizado com base em Costa et al. (1998) e Rivas-Martínez et al. (2002), pertence ao Reino Holárctico, Região Mediterrânica, Subregião Mediterrânica Ocidental, Província Mediterrânica-Ibérica Ocidental, Sub-província Luso-Extremadurensis, Sector Marianico-Monchiquense, Subsector Araceno-Pacense e Distrito Alentejano.

São referencias destes territórios a presença de espécies conhecidamente mediterrânicas, como a oliveira (*Olea europaea*), os espargos (*Asparagus* sp.), os cistus ou sargaços (*cistus* sp), as giestas (*Genista hirsuta* subsp. *Hirsuta*), os espinhais (*Calicotome* sp.), digitarias (*Digitalis purpurea* subsp. *heywoodi*), lavandulas (*Lavandula* sp), o alecrim (*Rosmarinus* sp), salgueiros (*Salix, salviifolia* subsp. *Australis*), ulmeiros, entre outras, algumas delas endemismos ibéricos.

Os montados de sobre e sobreirais, os montados de azinho e azinhais e os carvalhais de carvalho-negral surgem aqui evidenciando as características climáticas específicas desta zona.

Também é possível encontrar nesta zona sargaçais (comunidade de *Cistus salviifolius* e *Cistus crispus*) nas áreas mais abertas e expostas ao sol. Nas ribeiras e linhas de água ocorrem os amiais, sendo os freixiais as comunidades mais comuns (PIER, 2008).

Os troços de ribeiras com caudais irregulares são dominados pelos salgueirais e tamargais. Nos solos hidromórficos são vulgares os juncais. Encontram-se também abundantemente na área prados vivazes, com leguminosas (*Trifolium* sp), gramíneas (*Avena* sp), margaças (*Anthemis* sp), margaridas (*Bellis* sp), entre outras.

A área em estudo apresenta um enorme riqueza botânica, com diferenças visíveis ao longo da área, associadas também ao uso e à história daquele território. A forma como ao longo do tempo foi feita a sua gestão, influenciou e continua a influenciar as características da flora e a paisagem associadas. (PIER, 2008).

2.2.4. FAUNA

A área em estudo, apresenta características faunísticas particularmente interessantes, consequência das suas características biofísicas e da proximidade à serra de Monfurado.

Ao nível da fauna, surge nesta área a presença de espécies de importância conservacionista, tais como diversos mamíferos, com destaque para as populações de morcegos, tais o morcego-rato-grande (*Myotis myotis*), morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*), morcego-de-ferradura-mediterrânico (*Rhinolophus euryale*), morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*), morcego-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*) e morcego-de-ferradura-mourisco (*Rhinolophus mehelyi*). A presença da lontra (*Lutra lutra*), espécie rara a nível europeu mas com alguma frequência em Portugal, encontra-se também referenciada em diversos cursos e corpos de água existentes nesta área.

A avifauna é abundante destacando-se, segundo os inventários realizados para o sítio de Monfurado pelo ICBN, espécies como a petinha-dos-campos (*Anthus campestris*), a cotovia-pequena (*Lulula arborea*), a calhandrinha (*Calandrella brachydactyla*), o guarda-rios (*Alcedo atthis*), o bufo-real (*Bubo bubo*), o alcaravão (*Burhinus eodictemus*), sisão (*Tetrax tetrax*), águia-de-bonelli (*Hieraaetus pennatus*), a águia-calçada (*Hieraaetus fasciatus*), a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), o milhafre-real (*Milvus milvus*), o milhafre-preto (*Milvus migrans*), o falcão-abelheiro (*Pernis apivorus*), a garça-branca-pequena (*Egretta gazetta*), a garça-pequena (*Ixobrychus minutus*) e a felosa-do-mato (*Sylvia undata*).

As espécies cinegéticas como a perdiz (*Alectorys-rufa*), a codorniz, o coelho-bravo, a lebre ou o javali (*Sus scrofa*) surgem com alguma intensidade nesta área, motivados pela presença de zonas de abrigo, boas áreas de alimento e da existência de uma rede hidrográfica densa (Caetano, 2008). Esta zona alberga uma imensa variedade de espécies, que não se esgota nos mamíferos, nas árvores ou nas aves. Todos estes animais e plantas fazem as delícias dos naturalistas.

2.2.5. PAISAGEM E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

Estão a surgir novas oportunidades para caminhos fortemente multifuncionais em pequenas áreas agrícolas, economicamente marginais no mundo desenvolvido, localizadas em planalto ou em áreas de alto valor de conservação, como regimes agro-ambientais e turismo-rural, (Ronningen, 1994; Mollard et al., 2004).

A área em estudo insere-se num sítio da Rede Natura 200 – o sítio de Monfurado (PTCON0031), objeto de um Plano de Pormenor - Plano de Intervenção no Espaço Rural do Sítio do Monfurado² - Montemor-O-Novo (ver Fig 7). Este Plano de Pormenor desenvolve e concretiza propostas de ocupação daquela área do território municipal de Montemor-o-Novo, estabelecendo regras sobre a implantação das infraestruturas e o desenho dos espaços de utilização coletiva, a forma de edificação e a disciplina da sua integração na paisagem, a localização e inserção urbanística dos equipamentos de utilização coletiva e a organização espacial das demais atividades de interesse geral. Nesta área dominam ainda zonas pertencentes à Reserva Ecológica Nacional (REN), RAN (Reserva Agrícola Nacional) e Domínio Público Hídrico (pela presença de duas bacias hidrográficas) que efetivam um carácter de restrição a vários níveis.

² São objetivos do PIER promover a manutenção e recuperação do estado de conservação favorável dos habitats e populações das espécies ameaçadas características de cada SIC. Em Montemor-o-Novo, através do aviso nº 3453/2011 de 1 Fevereiro é publicado o Plano de Intervenção no Espaço Rural do Sítio de Monfurado (PIERSM) tendo em conta a legislação vigente para os PMOT e as orientações do PSRN2000.

A definição de várias figuras de ordenamento de território nesta zona, apresenta alguma ambiguidade de entendimentos. Se por um lado é uma zona altamente privilegiada e rica do ponto de vista da biodiversidade, atraindo eventualmente tipologias de agricultores que procuram contacto com a natureza e outras amenidades, por outro lado e para aqueles que procuram exercer a sua atividade na perspetiva comercial, surgem algumas dificuldades acrescidas à sua instalação.

Esta zona revela a presença de um importante património ambiental, paisagístico, histórico, arquitetónico, cultural, popular e erudito constituindo um território coeso e com uma forte identidade cultural (ATD, 2013).

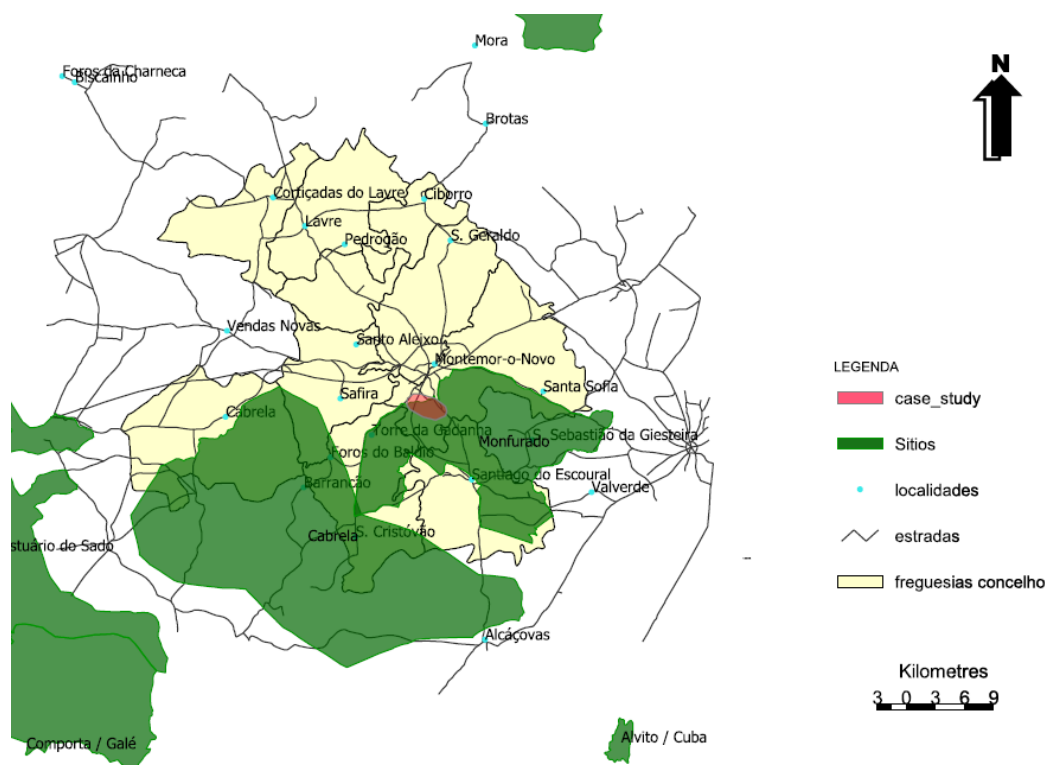


Figura 6 - Sítios Rede Natura 2000 na área em estudo.

2.2.6. COMPONENTE SOCIAL

Quando se refere que o estudo de caso se situa na Freguesia de Nossa Senhora da Vila é conveniente sublinhar a existência de duas realidades distintas dentro desta freguesia, a zona urbana da sede do concelho, com uma pequena área mas onde residem a maioria da população (84%), e a zona rural, com uma extensa área, com vários aglomerados populacionais mas com muito pouca população (16%), local onde se situa o estudo de caso. (STAPE, 2005)

A freguesia do estudo de caso tem uma população de 6 070 habitantes (censos de 2011), a que corresponde uma densidade populacional de cerca de 32,6 habitantes por Km². Tem uma distribuição etária bastante heterogénea com a população das localidades rurais muito mais envelhecida em relação aos habitantes da sede de Concelho. Como se pode verificar pela tabela 2, houve um crescimento demográfico de 1991 para 2011, contrariando a tendência do Alentejo (NUT II) verificada nas últimas décadas.

População Residente	1991 (n.º pessoas)	2001	2011
	5200	5629	6070

Tabela 2 – População residente na freguesia de N. Sr.ª da Vila (INE –censos 2011)

Segundo dados do INE – Censos 2001, de um total de 4 755 pessoas com 65 ou mais anos, 19,5% residem em locais isolados e de um total de 2 028 pessoas com 75 ou mais anos, 17,1% vivem a mesma situação. Percentagens superiores às registadas em outros concelhos do distrito de Évora e que justifica também a enorme quantidade de lugares/sítios espalhados pelas freguesias do concelho.

Em termos de distribuição etária no concelho e através dos resultados dos censos populacionais de 2011, pode verificar-se através da leitura da tabela 3, que houve três grupos etários que tiveram uma maior oscilação: dos jovens entre os 15 e 24 anos (- 34%), as crianças dos 0-14 anos (-10%) e o dos idosos com 65 ou mais anos (+ 6%). O grupo entre os 25 e os 64 diminuiu 4%.

Varição da População residente entre 1991 e 2011 por Grupos Etários

População Residente	2001	2011	Varição entre 1991 e 2011 (%)
Total	18578	17437	- 6%
0-14	2334	2098	-10%
15-24	2370	1566	-34%
25-64	9119	8744	-4%
65 ou mais	4755	5029	6%

Tabela 3 - Fonte: INE – Censos Populacionais 2011

Estes dados demonstram claramente a tendência para um envelhecimento da população no concelho de Montemor-o-Novo, uma vez que o número de idosos tende a aumentar e o número de crianças não acompanha este aumento. Se a tendência se verificar e não houver inversão deste cenário, o que poderá acontecer é passar a existir um elevado número de idosos, com um efetivo de população ativa claramente diminuto.

2.2.7. COMPONENTE AGRÍCOLA

No concelho de Montemor-o-Novo, as atividades agrícolas, pecuárias e florestais continuam a ter uma grande importância. Das principais produções, destacam-se a pecuária, a cortiça, o azeite, o vinho e o mel. A produção pecuária de qualidade apurada tem aumentado nos últimos anos. Segundo os últimos censos, 17% da população está empregada no sector Primário e 33,2% do tecido empresarial concentra-se nesta áreas. No entanto, 74,9% destas empresas empregam um reduzido número de pessoas (uma a quatro pessoas). INE (2001).

A área média de Superfície Agrícola Utilizada, por exploração, no concelho (109ha) é superior ao dobro da média do Alentejo (54ha), ocupando os prados e pastagens permanentes quase metade (47%) da SAU, seguidos pelo pousio e pelas culturas temporárias, com 27% e 23% respetivamente.

Interessante verificar que das 827 Explorações existentes no concelho em 2001, 43% tinham uma área inferior a 5 ha e 6% tinham uma área igual ou superior a 500 há, como se pode ver na tabela seguinte. Este facto, no qual quase metade das explorações agrícolas têm áreas que as permitem definir como pequenas explorações agrícolas, consubstancia a necessidade de se realizarem mais análises e estudos das dinâmicas que ali se passam. INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola

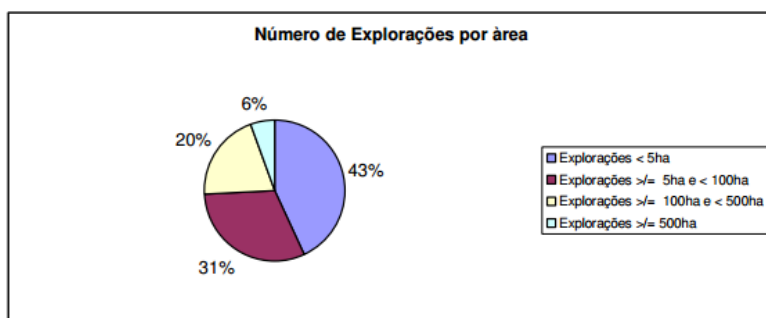


Tabela 4 – Dimensão Física das explorações agrícolas no concelho de Montemor-o-Novo (Fonte: INE - Municípios do Alentejo 2001)

CAPITULO 3 | METODOLOGIA DE ANÁLISE

No âmbito do projeto “FarmPath – Transições na Agricultura: Caminhos para a Sustentabilidade Regional da Agricultura na Europa”, um projeto de investigação europeu FP7, financiado pela Comissão Europeia com início em Março 2011, foram realizadas 10 entrevistas a novos-residentes. Detentores de propriedades de pequena dimensão. O objetivo geral destas entrevistas era caracterizar em Reguengo-Paião (Montemor-o-Novo), o fenómeno de *Lifestyle Farming* enquanto nicho de transição da perspetiva multi-nível da Teoria da Transição (Geels 2002), com vista à análise conjunta com outros dois casos de estudo (Aberdeenshire na Escócia e Zhelen na Bulgária). Sendo que eram objetivos específicos nestas entrevistas:

- a) compreender as principais motivações dos que praticam agricultura como estilo de vida,
- b) as mudanças que introduzem na gestão da sua propriedade e qual a sua atividade em relação à de agricultores exclusivamente orientados para o mercado,
- c) quão são aceites pela comunidade agrícola e pela comunidade rural, e
- d) quão consideradas, aceites, e mesmo exploradas, são as suas opções de gestão, no âmbito do setor agrícola.

Os critérios de seleção dos entrevistados foram viverem na zona rural em estudo pelo menos 6 meses por ano, há pelo menos 2 anos consecutivos, e que não fossem originalmente do local. Podiam ser agricultores ou não. Os entrevistados foram identificados na área de Reguengo-Paião num processo bola de neve (*snow ball sampling method*).

Estas entrevistas decorreram de Março a Maio de 2012 e serviram de base a diversos estudos paralelos ao projeto inicial.

Numa primeira fase e após a realização de uma revisão bibliográfica e de um enquadramento, na qual se procuraram diferentes abordagens, leituras e visões acerca do que se entende e daquilo que tem sido investigado sobre agricultores e novos-residentes em espaço rural, procurou encontrar-se uma outra definição conceptual, que estivesse mais adaptada ao objetivo do estudo e que enquadrasse os intervenientes do estudo de caso.

3.1. CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DE TIPOLOGIAS DE AGRICULTORES (análise conceptual)

A tipologia do agricultor, na pequena propriedade, relaciona-se sobretudo com a forma como este faz a gestão da sua propriedade, sendo que a forma de gestão é influenciada pela orientação ou não para os mercados, a forma como o gestor da terra se relaciona com o rural, como percebe o espaço, as redes de relacionamento que estabelece com a comunidade, o tipo de relacionamento

com a natureza e ainda da sua maior ou menor dependência financeira da propriedade, a sua experiência agrícola anterior, o nível de educação, entre outros aspetos.

Da mesma forma que a realidade humana e as suas necessidades têm diferentes dimensões, também a forma como um agricultor se envolve com o espaço onde vive, terá diferentes dimensões e complexidades. Esquemáticamente identifica-se as relações que foram consideradas na análise dos agricultores novos residentes, quer na análise conceptual de tipologias, quer depois na análise do estudo de caso:

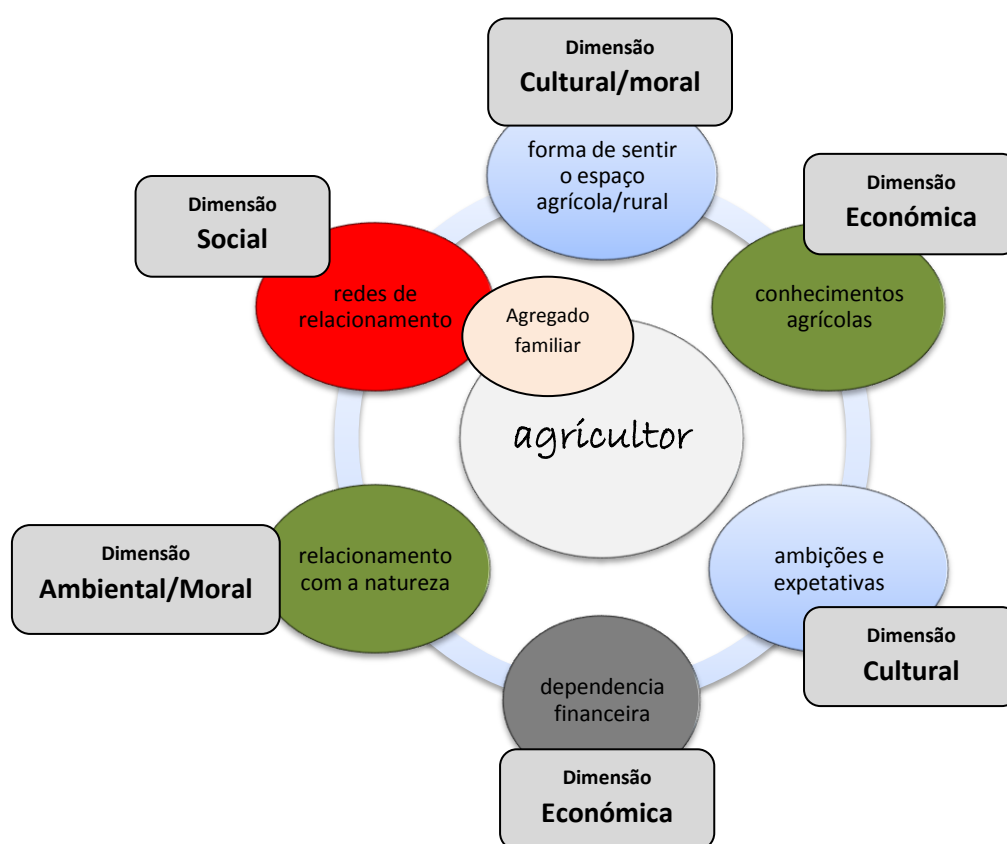


Figura 7 – Sistema agrícola na pequena propriedade– relações que se estabelecem entre os agricultor e diferentes dimensões do mundo, independentes do tipo de produção

Da análise bibliográfica (ver sessão 1.5.) identificaram-se 8 diferentes abordagens aos agricultores de pequena propriedade, com definição de aproximadamente 17 tipologias. Ainda que seja atribuída a mesma nomenclatura para definição de uma tipologia, a forma como a caracterizam diverge bastante. Claramente existem abordagens que se afastam bastante e autores que têm visões muito próximas. Existem tipologias mais generalistas e outras mais específicas e de pormenor. De forma esquemática, apresentam-se as tipologias referenciadas:

AUTORES	IDENTIFICAÇÃO TIPOLOGICA	CARACTERÍSTICAS	
Tipologia Primdahl	<i>Agricultores de tempos livres (Hobby-farmer)</i>	rendimento fora da agricultura superior ao rendimento que advém da agricultura	
		não são geralmente agricultores a tempo inteiro	
		não dependem de apoios/subsídios estatais	
		maior tendência para alterar o uso do solo e maior inclinação para a manutenção de culturas permanentes.	
		Procuram contacto com a natureza	
		Plantam árvores e arbustos de forma intensa, com preocupações estéticas	
	<i>Agricultor-comercial (Comercial-farmer)</i>	rendimento agrícola é significativo podendo existir rendimento “fora” da agricultura	
		geralmente agricultores a tempo inteiro	
Tipologia Shucksmith e Herrmann	<i>Agricultores de tempos livres (Hobby-farmer)</i>	Propriedades com pequenas áreas	
		Altos níveis de educação e formação	
		Pouca experiência agrícola	
		Originários de contextos urbanos	
Tipologia de Bohnet et al	<i>Lifestyle-farmer (Agricultores como estilo de vida)</i>	Desistem das suas profissões e vem para campo	
		Produzem culturas tropicais	
		Produzem o próprio alimento	
			Propriedades com pequenas áreas
	<i>Agricultores-de-tempos-livres (Hobby-farmer)</i>	Orientados estilo vida rural	
		Explorações maiores que os agricultores como estilo de vida.	
Gastam dinheiro seu e obtido fora da exploração, dentro da exploração			
Tipologia Holloway	<i>Pequenos agricultores (Smallholdings)</i>	Produzem para consumo próprio	
		Procuram “consumir a ruralidade”, i.e. procuram contacto com a natureza	
		Têm uma filosofia de vida específica focada no respeito pela natureza e necessidade de estar em contacto com a natureza	
Tipologia Blekesaune	<i>Aspirantes-a-agricultores (Aspiring- farmers),</i>	Propriedades menores que 10 ha mas com apenas 2% em produção agrícola	
	<i>Apaixonados-pela-vida-no-campo (Country-life lovers)</i>	Procuram ter uma residência no campo	
	<i>Procuradores-de-atividades-recreativas (Recreation-seekers)</i>	Procuram ter uma segunda casa no campo. Procuram desenvolver atividades recreativas em ambiente rural.	

AUTORES	IDENTIFICAÇÃO TIPOLOGICA	CARACTERÍSTICAS
Tipologia Sutherland	<i>Agricultores-de-tempos-livres (Hobby-farmer)</i>	Propriedades menores que 50ha
		Produção de atividades de lazer na propriedade diferentes da produção
Tipologia Wilson	<i>Agricultores-comerciais (Agri-business)</i>	Baixos níveis de multifuncionalidade derivados das especialização num tipo de produção
		São produtores no espaço mais do que “consumidores” do espaço
	<i>Agricultores-a-meio-tempo (Part-time farmer)</i>	Médios níveis de multifuncionalidade
		Dividem o tempo entre duas profissões
<i>Agricultores-como-estilo-de-vida ou Agricultores-de-tempos-livres (Hobby-farmer)</i>	Têm rendimento fora da agricultura	
	Produzem para consumo próprio/familiar	
	Usufruem do espaço rural	
Tipologia FarmPath	<i>Agricultor-como-estilo-de-vida (Lifestyle farmer)</i>	Têm rendimento fora da agricultura
		valor da produção agrícola tende a ser baixo.
		opção de viver no campo tem sobretudo a ver com estilo de vida
	<i>Agricultor-de-tempos-livres (Hobby-Farmer)</i>	Não estão orientados para o mercado
		Financia-se maioritariamente fora da agricultura mas poderá retirar alguns rendimento da produção que faz
<i>Agricultor – novo operador (New Entrant farmer)</i>	Esta orientado para o mercado	
	Considera-se agricultor	
	Quer produzir de forma inovadora e “quebrar” com a tradição	
<i>Jovem-agricultor” (Young Farmer)</i>	<i>(Young Farmer)</i>	Aqueles que têm menos de 35/40 anos possuem as competências necessárias para a pratica agrícola, vão tornar-se agricultores pela primeira vez e se assumem como “chefes de exploração”.

Tabela 5 – Caracterização de diferentes tipologias, segundo diferentes autores

As tipologias de agricultores sugeridas por diferentes autores, foram analisadas e definidas segundo diferentes perspetivas. Cada autor consoante o objetivo do seu estudo, identificou diferentes tipologias, que caracterizou de acordo com os parâmetros que procurou estudar ou com os dados que tinha disponíveis.

Após a revisão bibliográfica sobre as tipologias de pequenos-agricultores/novos-residentes e encontradas 16 tipologias, analisadas segundo diferentes visões, por diferentes autores, também em realidades diferentes, considerou-se necessário, neste estudo, estabelecer-se uma primeira análise

com vista a reagrupar autores segundo as características que os aproximam, tendo-se verificado a possibilidade de junção de 16 tipologias em 3.

Será importante realçar que se encontraram características repetidas dentro de tipologias diferentes. Por exemplo quando se referiram residências no campo e na existência de um processo de procura de uma segunda habitação ou de uma residência no campo/rural, existirão tipologias que à partida se encaixam melhor, i.e um agricultor-comercial (*comercial-farmer*), à partida “troca a cidade pelo campo”, trocando também a residência, não terá uma segunda residência mas uma única residência no campo. Mas será assim na realidade? Existirão também *Lifestyle-farmers*, que se espera terem duas residências, porque se espera também que tenham duas profissões, que na realidade têm apenas uma residência no campo?

Esta análise foi realizada sem recurso a ferramentas estatísticas, de forma simplificada através da aproximação de características comuns, que por semelhança ficaram sob um mesmo “chapéu”, em uma mesma tipologia.

TIPOLOGIA	CARACTERISTICAS	AUTORES
AGRICULTORES-DE-TEMPOS-LIVRES (HOBBY-FARMER)	Rendimento fora da agricultura superior ao rendimento que advém da agricultura	Primdahl, Bohnet et al, Wilson, FarmPath
	Não dependem de apoios/subsídios estatais mas podem estar orientados para o mercado	Primdahl, FarmPath
	Não são geralmente agricultores a tempo inteiro, dividindo o tempo entre duas profissões, mas consideram-se geralmente agricultores	Primdahl, Wilson, FarmPath
	Maior tendência para alterar o uso do solo e maior inclinação para a manutenção de culturas permanentes.	Primdahl
	Procuram contacto com a natureza	Primdahl
	Plantam árvores e arbustos de forma intensa, com preocupações estéticas	Primdahl, Blekesaune
	Propriedades com pequenas áreas mas maiores que os agricultores como estilo de vida.	Shucksmith e Herrmann, Bohnet et al, Sutherland
	Altos níveis de educação e formação	Shucksmith e Herrmann
	Pouca experiencia agrícola	Shucksmith e Herrmann
	Originários de contextos urbanos	Shucksmith e Herrmann
	Orientados estilo vida rural	Bohnet et al
	Têm geralmente uma habitação urbana e uma segunda rural	Blekesaune
Produção de atividades de lazer na propriedade diferentes da produção	Sutherland, Blekesaune	
AGRICULTOR-COMERCIAL (COMERCIAL-FARMER OU AGRI-BUSINESS QUE PODEM SER CUMULATIVAMENTE JOVENS AGRICULTORES)	Rendimento agrícola é significativo podendo existir rendimento “fora” da agricultura	Primdahl
	Geralmente agricultores a tempo inteiro	Primdahl
	Baixos níveis de multifuncionalidade derivados das especialização num tipo de produção	Wilson

TIPOLOGIA	CARACTERÍSTICAS	AUTORES
	São produtores no espaço mais do que “consumidores” do espaço	Wilson
	Desistem das suas profissões e vem para campo. A sua primeira habitação passa a ser no campo	Bohnet et al, Blekesaune
	Produzem muitas vezes culturas tropicais e inovadoras, procura “quebrar” com a tradição	Bohnet et al, FarmPath
	Aqueles que têm menos de 35/40 anos possuem as competências necessárias para a prática agrícola, vão tornar-se agricultores pela primeira vez e se assumem como “chefes de exploração”.	FarmPath
LIFESTYLE FARMER (AGRICULTORES-COMO- ESTILO-DE-VIDA SMALLHOLDINGS - recreation seeker)	Produzem para consumo próprio	Bohnet et al, Holloway, Wilson
	Propriedades com pequenas áreas (geralmente menores que os hobby-farmers)	Bohnet et al
	<i>Não estão orientados para o mercado</i>	FarmPath
	<i>Têm geralmente outras profissões</i>	FarmPath
	<i>Tem rendimentos fora das explorações</i>	Wilson
	Procuram “consumir a ruralidade”, i.e. procuram contacto com a natureza	Holloway, Wilson, Blekesaune
	Procuram ter uma segunda casa no campo	Blekesaune
	Têm uma filosofia de vida específica focada no respeito pela natureza e necessidade de estar em contacto com a natureza	Holloway, FarmPath

Tabela 6 – Agrupamento de tipologias de Agricultores segundo características comuns (análise de literatura)

Definiram-se assim 3 grandes grupos de agricultores na pequena exploração: Agricultores-de-tempos-livres; agricultores-comerciais e Lifestyle-farmers. Importa perceber e analisar em que tipologia se enquadram os novos-residentes do estudo de caso.

Enquadramento dos entrevistados

Enquadrar conceptualmente o conjunto dos entrevistados no caso em estudo analisado, no que diz respeito à sua caracterização, implica a definição rigorosa da forma como podem ser identificados.

Atendendo a que os entrevistados maioritariamente produzem produtos agrícolas e se relacionam com aquele espaço rural, através da agricultura, embora alguns contratem esses serviços e o façam de diferentes formas e em intensidade variável, perante a literatura analisada, considerou-se que todos os entrevistados poderiam ser identificados como novos-residentes, que correspondem em termos de características no projeto base FarmPath à definição de *Lifestyle farmers*.

Para o presente estudo consideraram-se novos-residentes os indivíduos provenientes de meio urbano ou híbrido que, motivados por razões socioeconómicas, culturais e/ou ambientais, se mudaram pela primeira vez ou regressaram ao meio rural há mais de 5 anos, adquirindo a sua

própria terra. Residem e exercem atividades agrícolas e não agrícolas no campo e podem ou não ter competências agrícolas.

Numa tentativa de responder às questões levantadas no início do trabalho, procurou estabelecer-se uma diferenciação entre os entrevistados e tentar enquadrá-los em diferentes tipos com base na análise conceptual.

Analisar de que forma os tipos de agricultores têm fronteiras rígidas ou ténues, que impactos maiores ou menores têm e são alguns dos objetivos deste trabalho assim como procurar dar um contributo para um melhor entendimento desta realidade.

A análise dos diferentes tipos, baseou-se na observação/estudo da relação que os novos-residentes têm com o espaço que habitam, que motivações os levaram a pertencer aquele espaço, se têm ou não uma orientação comercial, se estão em família, se contratam ou trocam serviços, se produzem para consumo próprio, a sua dependência ou independência financeira daqueles espaços, entre outras. Para tal, utilizou-se uma investigação que agregou a análise de variáveis em diferentes componentes – social, ambiental, económica, moral e de valores.

Tendo-se verificado que ainda que as motivações pudessem ser bastante semelhantes, a forma se posicionaram e adaptaram e as relações com os atores locais (redes existentes, cooperativas ou instituições) e comunidade em geral, permitiu estabelecer tipos diferentes entre eles. Analisaram-se esses diferentes tipos procurando distinguir diferentes formas de gestão e os impactos daí esperados à luz do trinómio ambiente – economia – social.

A partir das questões respondidas nas entrevistas, foi possível extrair características para análise, isto é, características e especificidades de cada agricultor, que eram comuns com outros ou diferentes e os afastavam nas suas formas de se relacionar com a ruralidade.

A análise dos 10 novos-residentes, neste estudo, obedeceu a 6 etapas genéricas:

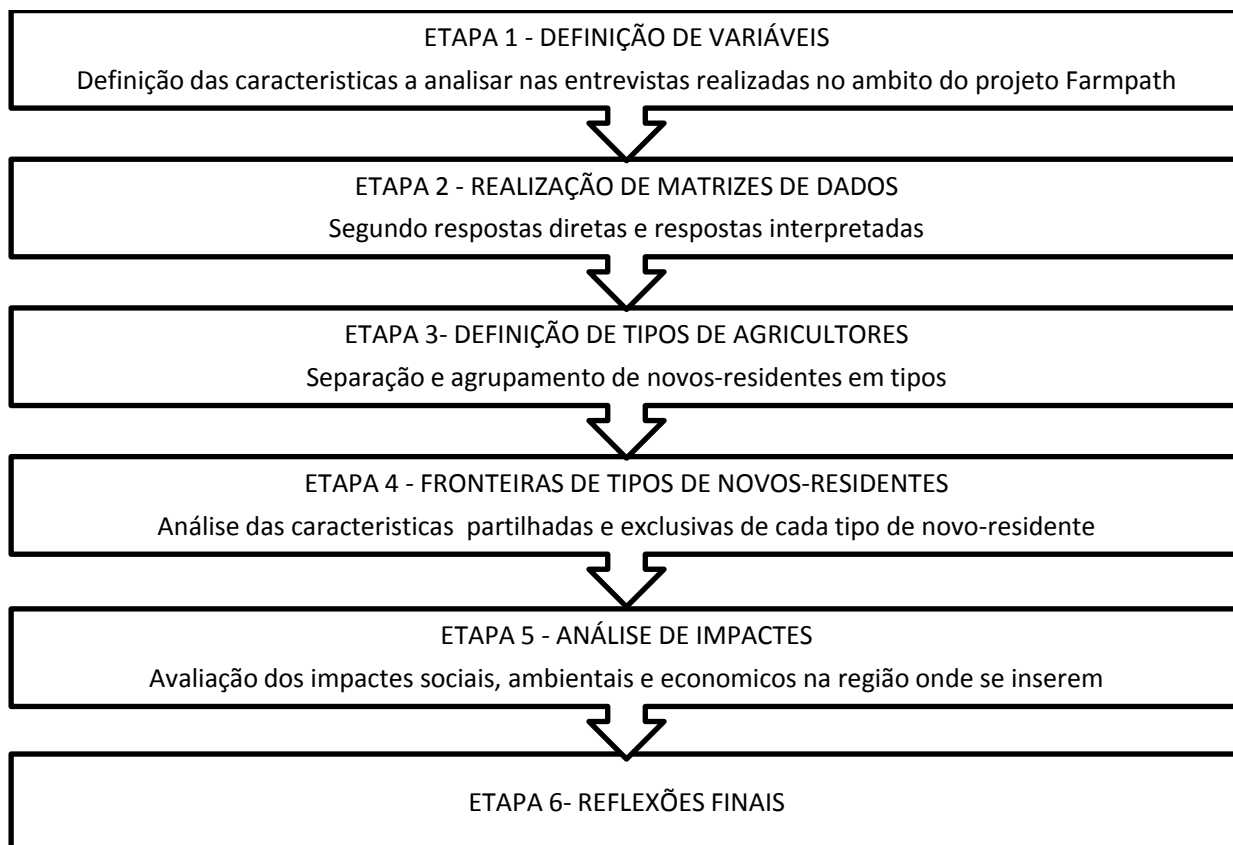


Figura 8 – Faseamento da análise de tipos e impactos dos diferentes entrevistados

3.2. ANÁLISE DOS TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES

Na análise de um conjunto agricultores e a sua categorização, será importante encontrar os limites desses grupos, perceber quando pertencem e porquê a um grupo e quando deixam de lhe pertencer. Acontece porém que os tipos de agricultor, com um foco nas formas de gestão da terra e na orientação para os mercados, embora teoricamente possa ter características estanques, na prática poderá ter fronteiras ténues. Isto é, um agricultor poderá ser manifestamente de um tipo, apresentando algumas características de outro. O que define um agricultor e o faz ser de um tipo e qual a característica que mais o define é uma das questões que se procurou responder com esta tese.

A definição dos limites dos tipos de agricultor, também pode variar com a finalidade de análise ou por conveniência operacional (FAO, 1990). Será importante referir que existem autores que consideram não existir fronteiras rígidas entre tipologias e que os agricultores deverão ser considerados ao longo de um *continuum*, alterando a sua tipologia de acordo com o estágio do ciclo de vida, do percurso agrícola e do amadurecimento pessoal (Wilson et al., 2013).

As entrevistados poderão ter características que partilham apenas com um tipo de agricultor ou características que partilham entre vários. Esquemáticamente poderá definir-se os tipos de agricultores encontrados e a interação entre eles da seguinte forma:

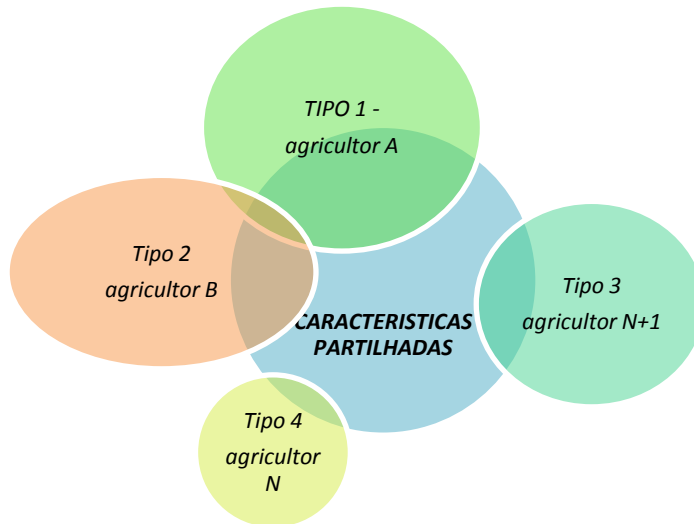


Figura 9 – Formas previstas de partilha de características entre tipos de agricultores

Através da análise da literatura, procurou-se, partindo deste pressuposto, separar algumas características consideradas fronteiriças e aquelas que indiscutivelmente pertencem a uma determinada tipologia. Os resultados analisados em literatura revelaram que apenas 3 a 4 características definem Agricultores-de-tempos-livres (*Hobby-farmers*) de *Lifestyle farmers* (agricultores-como-estilo-de-vida), surgindo o Agricultor-comercial (*Comercial-farmer*) nesta perspetiva, mais afastado. Esta análise serviu de base à análise do estudo de caso e permitiu estabelecer uma relação entre a partilha de características encontradas em literatura e a posterior partilha encontrada no estudo de caso.

Esquemáticamente, a partilha de características entre tipologias de agricultores por análise de literatura organizou-se da seguinte forma:

CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DE CADA TIPOLOGIA						CARACTERÍSTICAS PARTILHADAS ENTRE TIPOLOGIAS																			
AGRICULTORES DE TEMPOS LIVRES						AGRICULTORES DE TEMPOS LIVRES																			
Não são geralmente agricultores a tempo inteiro, dividindo o tempo entre duas profissões, mas consideram-se geralmente agricultores		Propriedades com pequenas áreas mas maiores que os agricultores como estilo de vida.		Não dependem de apoios/subsídios estatais mas têm algumas orientações comerciais		Maior tendência para alterar o uso do solo		Têm geralmente 1 habitação urbana e 1 segunda habitação rural		Plantam árvores e arbustos de forma intensa, com preocupações estéticas		Pouca experiência agrícola		Rendimento fora da agricultura superior ao rendimento que advém da agricultura		Filosofia de vida focada no respeito pela natureza e necessidade de estar em contacto com a natureza		Origem em contexto urbano		Elevados níveis de educação e formação		Produção de atividades de lazer na propriedade diferentes da produção		Orientado para o estilo de vida rural	
LIFESTYLE FARMERS						LIFESTYLE FARMERS																			
Procuram ter uma segunda casa no campo		Propriedades com pequenas áreas (geralmente menores que os hobby-farmers)		Não estão orientados para o mercado		Procuram “consumir a ruralidade”, i.e. procuram contacto com a natureza				Tem rendimentos fora das explorações		Têm geralmente outras profissões		Produzem para consumo próprio											
AGRICULTOR-COMERCIAL (comercial-farmer, agri-business) que podem ser cumulativamente jovens agricultores						AGRICULTOR-COMERCIAL																			
rendimento agrícola maioritariamente como único rendimento		geralmente agricultores a tempo inteiro		Baixos níveis de multifuncionalidade derivados da especialização num tipo de produção		São produtores no espaço mais do que “consumidores” do espaço		Podem produzir culturas tropicais e inovadoras, procurando “quebrar” com a tradição		Têm menos de 35/40 anos possuem as competências agrícolas, são agricultores pela primeira vez e se assumem como “chefes de exploração”.		Desistem das suas profissões e vem para campo. A sua primeira habitação passa a ser no campo													

Tabela 7 – Relação entre Tipologias de Agricultores – Características comuns e diferenciadoras das tipologias encontradas em literatura (vários autores, v. bibliografia)

3.3. TRATAMENTOS DOS DADOS

As entrevistas realizadas (anexo I) tiveram origem, como referido anteriormente, no projeto FarmPath. Da análise das perguntas efetuadas e das respostas obtidas dos entrevistados, construíram-se 2 matrizes de dados. Uma matriz de dados diz respeito a características diretamente retiradas das entrevistas, por resposta direta dos entrevistados. A segunda matriz de dados corresponde a dados retirados de várias perguntas abertas, que permitiram responder a características que se entenderam importantes, mas que foram interpretadas a partir das respostas dadas. Dado o carácter subjetivo da segunda matriz, optou-se por estabelecer uma separação entre elas.

Estes dados permitiram definir e caracterizar cada entrevistado em termos de perfil de gestor agrícola, categorizá-los segundo os seus perfis, analisar as fronteiras existentes entre eles e avaliar a sua forma de se relacionar com o espaço nas várias dimensões em análise.

As características selecionadas para posterior análise encontram-se graficamente representadas nas imagens seguintes:

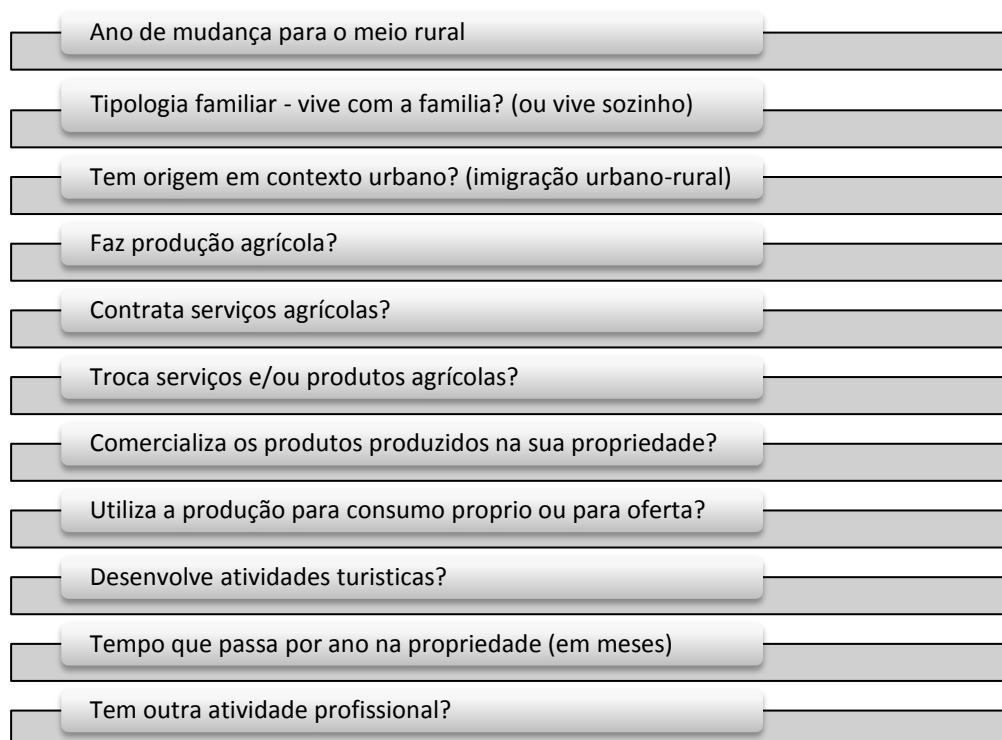


Figura 10 – Esquema dos dados extraídos das entrevistas em resposta direta dos entrevistados

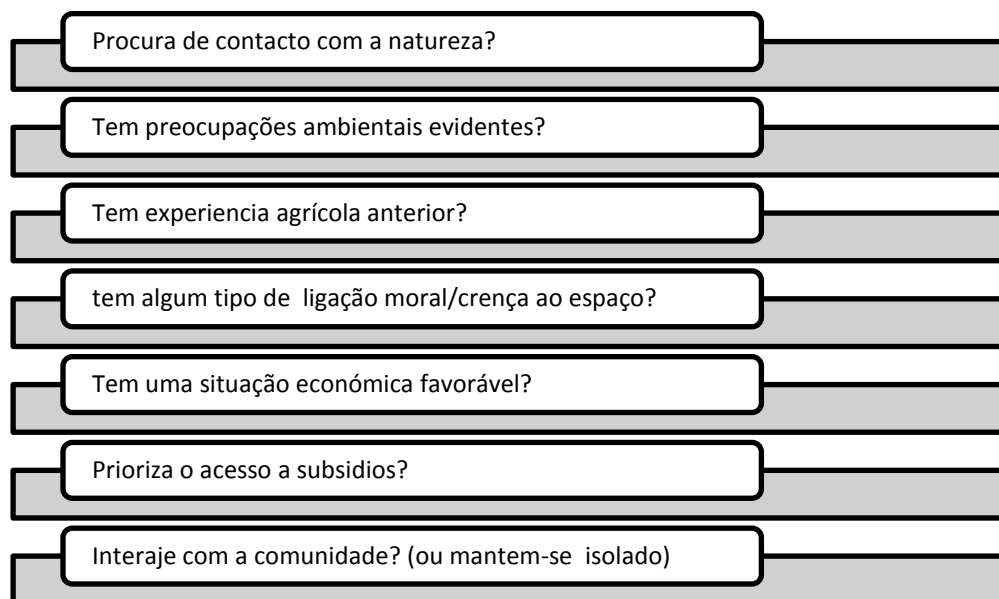


Figura 11 - Esquema dos dados extraídos das entrevistas em pergunta aberta (interpretação das respostas) aos entrevistados

As razões da escolha destas características prenderam-se com as características encontradas na literatura, isto é, os autores referidos e estudados referiram nas suas análises/visões algumas destas 18 características para definir e distinguir, aquilo que seriam Agricultores-comerciais (*Commercial-farmers*), Agricultores-de-tempos-livres (*Hobby-farmers*) e *Lifestyle farmer* ou outros.

Da exploração da literatura, na qual se sintetizaram a totalidade das tipologias em 3 grandes grupos, considerou-se que as características a analisar nas entrevistas deveriam caber nas tipologias definidas, permitindo no entanto a definição de um ou mais novos tipos. Justifica-se assim a análise de características como a idade de vinda para o campo ou o facto de trocar ou não serviços agrícolas ou ainda o tipo de ligação ao campo. Estas características poderiam, pela sua especificidade, agrupar agricultores ou afastá-los.

3.3.1. IMPACTOS DOS AGRICULTORES NA SUA ZONA DE INSTALAÇÃO – DIMENSÕES DO IMPACTE

Para além da caracterização dos novos-residentes, como referido anteriormente, também se pretendia avaliar os seus impactos na zona de instalação, que podem sentir-se ou existir em vários descritores, sejam eles ambientais (alterações na fauna, flora, ecologia), hidrológicos, de paisagem, ordenamento do território, social, económico, entre outros. A forma como um gestor do espaço

agrícola gere o seu território, o seu perfil e também o seu comportamento, são determinantes na maior ou menor intensidade e incidência dos impactos no local.

Primdahl & Kristensen (2011), confirmam esta convicção quando afirmam que as paisagens rurais são mantidas ou alteradas, sobretudo devido às decisões e práticas dos agricultores, sendo que quem produz, tem que tomar mais decisões do que aquele que tem o seu rendimento fora da agricultura e que apenas vive/usufrui do espaço.

Segundo *Bourdieu, (1983)*, uma forte multifuncionalidade esta associada a um forte capital social, económico, cultural, moral e ambiental. Atores em regimes agrícolas fortemente multifuncionais, mostram uma tendência para uma enorme envolvimento local e regional, caracterizada por atividades que trazem novos *inputs* e oportunidades de emprego no sector agrícola. Refere ainda *Bourdieu (1983)* que passam a existir neste casos, “interfaces associativas”, que podem ser informais mas muito importantes do ponto de vista do estabelecimento de interesses comuns e definição de estratégias e formas de cooperação entre grupos de *stakeholders (Pretty, 2002; Clark, 2003)*.

As decisões são tomadas num determinado espaço pelas condições e oportunidades locais e pelos constrangimentos encontrados, isto é, dependendo daquilo que se encontra num local, das ambições e objetivos que um novo-residente tem relativamente a esse mesmo espaço, assim o vai fazer agir em maior ou menor intensidade sobre os vários descritores.

Ainda que neste estudo se parta do pressuposto que as condições ambientais são idênticas para todas os entrevistados, na verdade serão diferentes se a área, o objetivo e a intensidade de atuação (maior ou menor dinâmica) forem diferentes, logo cada tipo terá uma intervenção que se julga ter diferentes impactos.

As dinâmicas trazidas por novos-residentes podem ter uma conexão direta com a intensidade da sua relação, ou seja quanto maiores as relações estabelecidas, maiores os impactos na comunidades local. Partindo de um pressuposto de que essas relações não são conflituosas, e em todos os casos estudados ficou patente a ausência de conflitos, pode mesmo dizer-se que quando maior for o numero e a intensidade de relações estabelecidas, maior o impacto positivo na comunidade local.

Definidos e analisados os tipos de novos-residentes existentes na área em estudo e no seguimento do interesse em avaliar o seu impacto, importou abordar o maior ou menor impacto que cada entrevistado, considerado um tipo de novo-residente, poderia ter na sua zona de implantação. Esta análise comparativa serviu apenas para mostrar o maior ou menor impacto sobre vários descritores,

procurando exemplificar de um modo geral qual seria o tipo de novo-residente com um impacto mais forte e aquele que será menos impactante na zona onde se instala.

Para o efeito e com base no anteriormente referido trinómio Económico-social e Ambiental, foi utilizada uma matriz que conjugou as várias tipologias com os vários descritores, analisando o impacto de cada um, por comparação prevista de intensidade. Um impacto negativo corresponderá a um valor negativo, ao passo que os impactos considerados positivos terão valores positivos em maior intensidade consoante o número de símbolos +. Esquemáticamente a análise será visualizada da seguinte forma:

Tipos de Novo-residente	IMPACTO		
	SOCIAL	ECONÓMICO	AMBIENTAL
Tipo 1	+	-	
Tipo 2	++	+	

Tabela 8 – Esquema de análise de Impactos por tipo de novo-residente no sistema onde se insere

A análise da maior ou menor intensidade de impacto de cada tipo de novo-residente nos diferentes descritores analisados permitirá discutir o seu “comportamento ambiental” e a sua maior ou menor pro-atividade e sensibilidade relativamente à defesa e proteção dos valores naturais, sociais e ao impacto económico.

Capítulo 4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. NOVOS-RESIDENTES – RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

As entrevistas utilizadas no âmbito deste estudo e originalmente realizadas no projeto FarmPath, foram realizadas a 10 novos residentes na zona de Reguengo-Paião, próximo da cidade de Montemor-o-Novo. (Secção 2.1.)

Das 10 entrevistas consideradas, como se pode ver na Tabela 6, sete foram respondidas por proprietários masculinos e três por proprietárias femininas, embora em duas entrevistas existam informações complementadas pelos cônjuges.

Oito entrevistados apresentavam habilitações de nível superior e apenas dois habilitações de nível secundário. A idade média atual dos entrevistados situa-se nos 47 anos, existindo entrevistados com 83 anos e outros com 39 anos.

Embora o estudo tivesse incidido sobre a pequena propriedade, um dos entrevistados possui uma área bastante maior, superior a 100 ha, todavia residindo em propriedade de pequenas dimensões na zona de Reguengo-Paião. A caracterização de cada entrevistado encontra-se patente na tabela seguinte:

ID	Gênero	Área da exploração (ha)	Emprego Anterior ou Atual	Formação/qualificação	Idade atual ³	Idade de aquisição e vinda para a zona	N. anos desde que se instalou na propriedade
NR A (Novo-residente A)	Masculino	3,5	musico, videógrafo (pre-reforma)	Área artística	62	50	12
NR B	Feminino	n/s	Musica /formadora e Prof. Inglês (anterior)	Licenciatura inacabada em Agricultura	52	39	13
NR B	Feminino	8,5 + (>100)	Agricultora e politica (anterior)	Ensino Superior (Eng. agrícola)	45	22	23
NR C	Feminino	1,5	Historia (professores reformados/investigadores)	Ensino Superior	66	54	12
NR D	Masculino	4	informático e empresário (reformado)	7.º ano liceu antigo (11.º ano)	69	63	6
NR E	Masculino	n/s	consultor defesa (reformados)	Ensino Superior	61	55	6
NR F	Masculino	18	-	Lic. em sociologia; arquitetura (inicio)	73	49	24
NR G	Masculino	2	Bancário	Ensino Superior	83	56	27
NR H	Masculino	2,5	Economista	Ensino Superior	71	49	22
NR I	Masculino	-	Hotelaria	9.º ano	39	33	6

Tabela 9 - Caracterização dos entrevistados

³ Calculou-se a média de idades sempre que as entrevistas receberam informação complementar do cônjuge.

4.2. MATRIZES DE DADOS

Com base nas características elencadas na Fig 10, foram analisadas as respostas dadas pelos novos-residentes nas entrevistas, extraídos os resultados diretos e sintetizados no quadro abaixo. Este quadro sintetiza as respostas diretas dos entrevistados, relacionadas com o uso da sua terra e o comportamento que cada novo-residente tem na gestão e manutenção da sua propriedade.

ENTREVISTADO	Veio e/ou vive em família ou acompanhado?	Origem em contexto urbano?	Desenvolve Produção agrícola?	Contrata Serviços agrícolas?	Troca Serviços agrícolas?	Comercializa os produtos que produz?	Consumo próprio e oferta do que produz?	Desenvolve atividade Turística?	Tempo que passa por ano na propriedade	Outra atividade profissional **
NR A (Novo-residente A)	N	Urbano	S	N	S	N	S	S	6 meses	S
NR B	S	Hibrido	S	N	S	S	S	S	12 meses	N
NR C	S	Hibrido	S	S	N	S	S	S	12 meses (principio só ferias)	N
NR D	S	Urbano	S	N	S	N	S	N	12 meses	S
NR E	N	Hibrido	N	N	N	N	N	N	12 meses	N
NR F	S	Urbano	S	N	S	N	S	N	12 meses	S
NR G	S	Urbano	S	N	S	S	S	N	12 meses	N
NR H	S	Urbano	S	S	N	N	S	N	6 meses	S
NR I	S	Urbano	S	S	N	N	S	N	6 meses	S
NR J	S	Hibrido	S	S	N	S	S	N	12 meses	S

Tabela 10 - Matriz de Dados 1 (variáveis analisadas nas entrevistas aos novos-residentes em resposta direta)

No caso da resposta ser positiva optou-se por colocar a letra S, e em caso de ser negativa a letra N, de forma a facilitar a leitura da tabela.

** no caso de serem aposentados/reformados de outras profissões e a receber reforma (rendimento mensal) considerou-se que tinham outra atividade profissional

A partir da tabela anterior pôde verificar-se que a maioria dos entrevistados vive (e veio) acompanhado para o meio rural e teve também em algum momento contacto com o meio urbano. A grande maioria desenvolve atividade agrícola, sendo que alguns contratam serviços agrícolas para o efeito. Existem entrevistados que comercializam os seus produtos, ao passo que outros apenas produzem para consumo próprio. A maioria vive sempre na sua casa rural, existindo no entanto quem o faça apenas metade do ano.

A Matriz de dados 2 foi desenvolvida com base na resposta do entrevistado às várias questões incluídas na entrevista de carácter aberto. Através deste tipo de dados é possível encontrar posições diferentes, relativas as variáveis que se pretendem analisar e que refletem o comportamento do novo-residente e as suas motivações, como se apresenta na tabela seguinte:

ENTREVISTADO	PROCURA CONTACTO NATUREZA?	TEM PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS EVIDENTES?	TIPO DE LIGAÇÃO AO ESPAÇO?	INTERAÇÃO COM A COMUNIDADE	EXPERIENCIA AGRÍCOLA ANTERIOR	SITUAÇÃO ECONÓMICA FAVORÁVEL	USFRUIU ALGUMA VEZ DE SUBSÍDIOS OU FAZ OPÇÕES DE GESTÃO COM BASE EM SUBSÍDIOS?
NR A (Novo-residente A)	S	S	filosófica ⁴	S	N	S	N
NR B	S	S	N	S	S	N	S
NR C	S	N	N	S	S	S	S
NR D	S	S	N	S	N	S	N
NR E	S	N	isolamento	N	N	S	N
NR F	S	S	filosófica	S	N	S	N
NR G	S	S	filosófica	S	S	N	N
NR H	S	N	N	S	N	S	N
NR I	S	N	N	S	N	S	N
NR J	S	N	N	N	S	S	N

Tabela 11 - Matriz de Dados 2 (dados analisados nas entrevistas aos novos-residentes em resposta aberta e alvo de interpretação)

No caso da resposta ser positiva optou-se por colocar a letra S, e em caso de ser negativa a letra N, de forma a facilitar a leitura da tabela.

A partir da tabela 11, pode verificar-se que todos os entrevistados procuram contacto com a natureza, mas que apenas cinco mostraram claras evidências de ter preocupações ambientais,

⁴ O tipo de ligação filosófica baseia-se na abordagem agroecológica propõe mudanças profundas nos sistemas e nas formas de produção. Na base dessa mudança está a filosofia de se produzir de acordo com as leis e as dinâmicas que regem os ecossistemas – “uma produção com e não contra a natureza”. Propõe, portanto, novas formas de apropriação dos recursos naturais que se devem materializar em estratégias e tecnologias condizentes com a filosofia-base

desenvolvendo esforços ou atitudes que fossem pautadas por essa maior sensibilidade ambiental, como por exemplo a plantação de espécies autóctones, o aproveitamento de águas residuais, a plantação e utilização de hortícolas de acordo com a época do ano natural, o respeito pelas espécies anuais e vivazes com conhecimento das suas aplicações, etc.

Também após análise das respostas na sua globalidade, foi possível detetar 3 entrevistados com um tipo de ligação específico ao local, que se definiu por “ligação filosófica” na medida em que apresentaram e demonstraram ter um tipo de ligação ao espaço rural que se baseia na abordagem agroecológica, que propõe mudanças profundas nos sistemas e nas formas de produção. Na base dessa mudança está a filosofia de se produzir de acordo com as leis e as dinâmicas que regem os ecossistemas – uma produção com e não contra a natureza. Propõe, portanto, novas formas de apropriação dos recursos naturais que se devem materializar em estratégias e tecnologias condizentes com a filosofia-base. (Guterres, 2010).

Embora maioritariamente exista uma dinâmica expressiva entre os entrevistados e a comunidade na que se encontram inseridos, dois dos entrevistados não procuram essa relações, apresentando níveis de dinâmica baixos ou mesmo inexistentes.

Relativamente à existência de experiência agrícola anterior, ela verificou-se apenas em quatro dos entrevistados, tendo-se verificado de entre este 4 a existência de formação superior na área agrícola.

A situação económica, mostrou-se desfavorável para dois dos entrevistados, sendo no entanto positiva e aparentemente não problemática para todos os restantes.

Por último, quando analisada a existência de opções de gestão da terra influenciadas pelo acesso a subsídios, verificou-se ocorrer em dois entrevistados

4.3. ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS E SUA CATEGORIZAÇÃO

4.3.1. AGRUPAMENTO DE NOVOS-RESIDENTES SEGUNDO A ORIENTAÇÃO PARA OS MERCADOS

A partir da caracterização dos entrevistados iniciou-se a pesquisa de diferenças e semelhanças, na perspetiva de se procurar categorizar os entrevistados, com base na literatura. Considerou-se

importante a primeira análise incidir sobre a existência de uma orientação ou não para os mercados, tendo-se obtido os seguintes resultados:

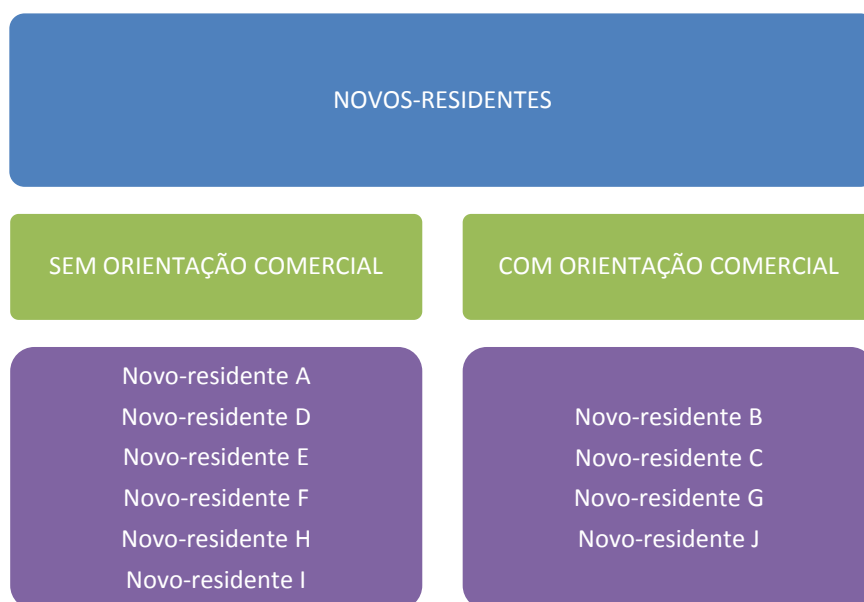


Figura 12 – Esquema da separação dos novos-residentes segundo a forma de orientação para os mercados

Como se pode verificar e dos resultados obtidos, é notória a existência de uma clara distinção que separa os entrevistados em dois tipos. Esta característica que determina se comercializam ou não os seus produtos, permite distinguir agricultores-comerciais (Comercial-farmers) de agricultores-não-comerciais, não esquecendo porém que todos eles têm características de base idênticas, estilos de vida, que os caracterizaram como pertença a uma mesma tipologia.

Após a divisão em dois principais grupos importou analisar estes grupos separadamente.

4.3.2. ANÁLISE DOS NOVOS-RESIDENTES SEM ORIENTAÇÃO COMERCIAL

Analisando os seis novos-residentes sem orientação comercial, as semelhanças que partilham são o facto de todos terem um contexto de origem urbano sem experiência agrícola. Todos apresentam uma situação económica favorável, usufruindo de um rendimento exterior à propriedade derivada de terem outras profissões ou pelo facto de se encontrarem reformados. Também se evidenciou que todos os entrevistados procuram contacto com a natureza. As restantes características analisadas são

variáveis, dependendo do novo-residente em questão. Esquemáticamente poderão identificar-se da seguinte forma:

CARACTERÍSTICAS DOS NOVOS-RESIDENTES SEM ORIENTAÇÃO COMERCIAL	CARACTERÍSTICAS QUE PODEM VARIAR EM NOVOS-RESIDENTES SEM ORIENTAÇÃO COMERCIAL
<ul style="list-style-type: none"> • Procuram contacto com a natureza (consumidores de ruralidade) • Têm origem num contexto urbano • Não tem experiência agrícola • Rendimento exterior à propriedade • Têm outra atividade profissional ou são reformados • Consomem os produtos que produzem • Elevada dinâmica de interação com a comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivem em família ou de forma isolada • fazem produção agrícola ou apenas vivem no espaço • Contratam serviços • Trocam serviços • podem viver nos locais de forma permanente ou de forma alternada com outra residência • podem ter ou não evidentes preocupações ambientais • forma como valorizam os produtos produzidos

Figura 13 – Características dos novos-residentes sem orientação para os mercados

As diferenças encontradas entre os novos-residentes sem orientação comercial, disseram respeito sobretudo à forma de sentir o espaço, isto é a evidência de preocupações ambientais vai encontrar-se espelhada muitas vezes numa filosofia de vida, crença ou forma de se perceber a natureza. Foi curioso perceber, que os novos-residentes com preocupações ambientais evidentes, são os mesmos que não contratam serviços mas antes os trocam. existirá uma forma de viver diferente? a procura por uma alternativa de vida?

Algumas vezes estas características mostram também alguma orientação para os mercados. Não comercializam produtos mas oferecem-nos, têm uma e grande percepção da poupança que advém da sua produção, sabem o seu valor no mercado e contabilizam o valor desses produtos, em termos de saúde e bem estar. Estão eventualmente disponíveis para futuramente comercializarem esses produtos. Tendo analisado as características que não são comuns a todos eles e abaixo elencadas, foi possível dividi-los em 3 grupos distintos, aos quais se atribuíram as nomenclaturas: Agricultores-de-tempos-livres (Hobby-farmers), *Lifestyle-farmers* e Residentes.

Refira-se que surge uma nova nomenclatura relativamente às encontradas na literatura. Se na literatura se definiram 3 grandes grupos: Agricultores-comerciais (Comercial-farmers), Agricultores-de-tempos-livres (Hobby-farmers) e *Lifestyle farmer*, no estudo de caso definiu-se o tipo “residente” como um novo tipo, considerando que este novo-residente apresentava características tais como o

facto de não produzir e de viver em estado de isolamento, que não o permitiam inserir em nenhum dos outros tipos definidos.

Considerando os novos-residentes que não comercializam os seus produtos, foi possível esquematicamente subdividi-los da seguinte forma:

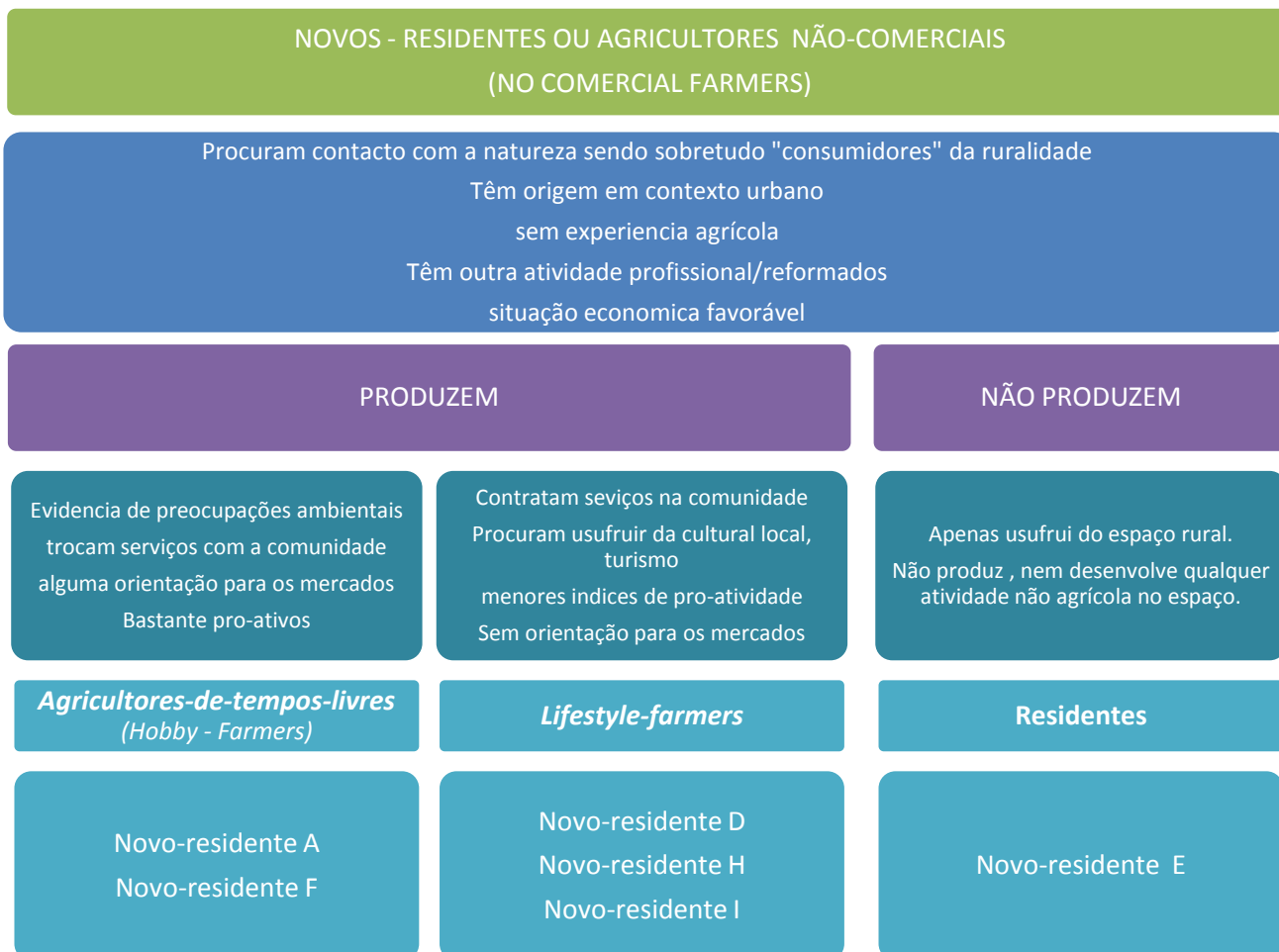


Figura 14 – Esquema de subdivisão dos novos-residentes sem orientação para os mercados

4.3.3. ANÁLISE DOS NOVOS-RESIDENTES COM ORIENTAÇÃO COMERCIAL (COMERCIAL-FARMERS)

Analisando os 4 entrevistados considerados agricultores-comerciais (*comercial-farmers*), as semelhanças que partilham foram o facto de terem uma orientação para os mercados e o objetivo de rentabilizar a sua propriedade. Todos tiveram um contexto de origem rural e/ou híbrido, têm experiencia agrícola anterior, sendo que 2 dos entrevistados têm formação superior na área agrícola.

Uma característica comum encontrada foi o facto de todos os agricultores viverem o ano inteiro na propriedade, isto é, utilizam a propriedade como primeira e única habitação, ainda que inicialmente um deles não o tenha feito. Este agricultor especificamente começou por ter uma outra habitação e uma outra profissão, utilizando a casa como segunda residência, tendo evoluído para uma situação de dedicação total à propriedade.

Todos procuram contacto com a natureza, apesar de terem sobretudo uma perspetiva de produção. Todas as outras características analisadas são variáveis dependendo do agricultor em questão. Esquemáticamente será:

CARACTERÍSTICAS PARTILHADAS EM NOVOS-RESIDENTES (NR) COM ORIENTAÇÃO COMERCIAL	CARACTERÍSTICAS QUE PODEM VARIAR EM NR COM ORIENTAÇÃO COMERCIAL
<ul style="list-style-type: none"> • Comercializam os produtos que produzem. <ul style="list-style-type: none"> • Procuram contacto com a natureza (consumidores de ruralidade) • Tem geralmente origem num contexto híbrido • Têm geralmente experiência agrícola anterior <ul style="list-style-type: none"> • Formação de nível superior/secundário <ul style="list-style-type: none"> • Consumem os seus produtos • Utilizam a propriedade como primeira e única casa de residência 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivem em família ou de forma isolada • Podem ou não ter rendimento exterior à propriedade, embora maioritariamente não tenham <ul style="list-style-type: none"> • Contratam serviços • Trocam serviços • Podem ter ou não evidentes preocupações ambientais • Podem ou não desenvolver atividades turísticas <ul style="list-style-type: none"> • Situação económica diferente • Podem ou não usufruir de subsídios • Poderão existir maiores ou menores dinâmicas com a comunidade.

Figura 15- Características dos novos-residentes com orientação para os mercados

Apesar de existirem características do ponto de vista económico e da orientação para os mercados, que ditam este grupo de *Agricultores-comerciais (comercial-farmers)*, foram bastantes as diferenças encontradas entre cada um deles, do ponto de vista da forma como se posicionam a nível social, ambiental, ao nível dos valores e das suas atitudes e comportamentos.

A situação económica não é idêntica havendo uma correspondência com a área disponível. Verificou-se, através de interpretação dos dados das entrevistas, que os novos-residentes que possuem maiores áreas de produção, têm geralmente situações económicas mais equilibradas e a maioria das vezes associada ao usufruto de subsídios.

Tendo analisado as características que não são comuns e que não partilham, foi possível agrupa-los em tipos distintos, tendo-se adotado as nomenclaturas Novos-agricultores-comerciais e Agricultores-comerciais-clássicos, para estabelecer esta separação.

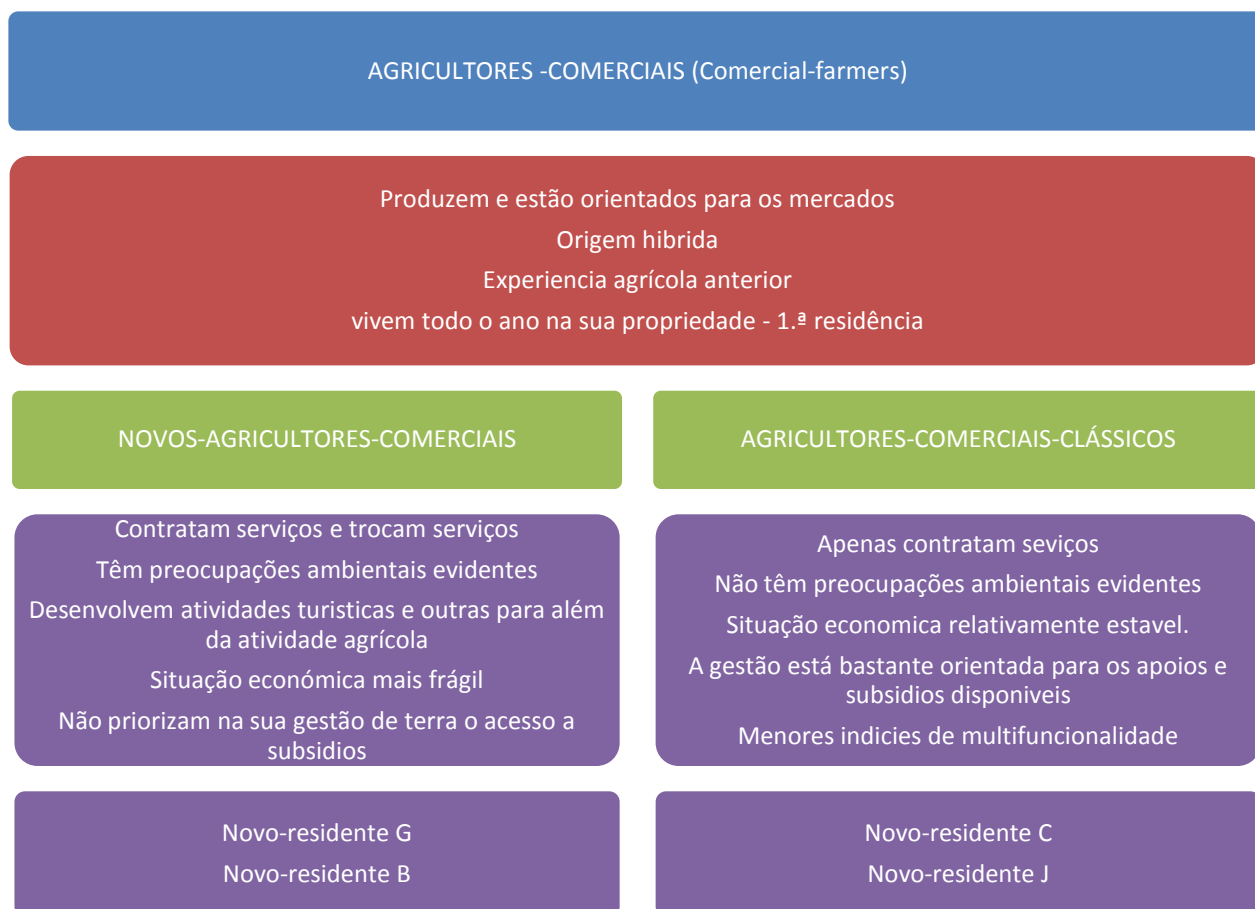


Figura 16 – Esquema demonstrativo da subdivisão dos novos-residentes com orientação para os mercados

Verificou-se assim, que os agricultores-comerciais do estudo de caso se podem subdividir consoante apresentam maiores ou menores evidências ambientais, priorizando uma gestão pro-ambiental em detrimento de uma visão e gestão mais economicista da sua terra. Associada a esta forma de gerir a terra, apresentam-se alguma característica do ponto de vista social que também permitem distinguir os agricultores comerciais em dois grupos.

Entendeu-se que se poderia considerar os primeiros Novos-agricultores-comerciais (*new Commercial-farmers*) e os outros Agricultores-comerciais-clássicos (*classic comercial-farmers*).

Será importante referir que estes grupos não foram definidos claramente em literatura, sendo que apenas se refere agricultor-comercial sem que seja feita uma subdivisão. No presente estudo e

atendendo à clara evidencia de diferenças entre os novos-residentes agricultores-comerciais, entendeu-se que seria lógica a sua subdivisão.

Resumidamente pode dizer-se que analisados os dois maiores grupos que dividiam agricultores-não-comerciais e agricultores-comerciais, e após análise de cada grupo específico, foi possível encontrar 5 tipos diferentes que importou analisar de forma conjunta.

4.3.4. ANÁLISE GLOBAL DOS TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES NO ESTUDO DE CASO



Figura 17 –Esquema exemplificativo da Subdivisão dos novos-residentes em cinco tipos finais

Os tipos de novos-residentes finais encontrados divergiram do esperado após análise bibliográfica, no sentido em que aumentam, relativamente às tipologias previstas em literatura e do ponto de partida deste estudo. De facto, foi encontrado um novo-residente que se afastou dos restantes, em termos de produção e forma de gerir e viver o espaço. Este novo-residente, apenas reside em meio

rural, não produzindo. A sua perspetiva é de isolamento e contacto com a natureza, não se envolvendo nas dinâmicas sociais locais. A forma como utiliza o espaço, está associada a uma atitude marcadamente contemplativa, à partida não impactante ao nível social ou económico, embora não tenha revelado atitudes pró-ativas no que respeita aos valores ambientais, revelando ao longo da entrevista ter tomado opções que se poderão considerar negativas do ponto de vista ambiental, tais como o derrube de espécies autóctones aliada à plantação de espécies exóticas. Não poderá considerar-se um agricultor, senão apenas um **Residente**, tendo em conta que não exerce naquele espaço qualquer atividade de produção. É também minoritário neste estudo de caso e foi aquele que apresentou menores níveis de partilha de características com os restantes.

Os *Agricultores-comerciais* surgiram divididos em *Agricultores-comerciais-clássicos* e *Novos-agricultores-comerciais*. Fundamentalmente o que os distinguiu, foi a forma como sentem o espaço e as suas ambições e expectativas em relação à terra que gerem. Os agricultores-clássicos estão orientados para os mercados, procuram usufruir de subsídios e posicionar-se em relação às políticas públicas, modificando e adaptando as formas de gerir o espaço de forma a que vão ao encontro da possibilidade de se candidatarem e de usufruírem desses subsídios. Não têm preocupações ambientais evidentes, ainda que tenham e apreciem um estilo de vida rural. Os *Novos-agricultores-comerciais*, procuram conjugar aquilo que são as suas aspirações comerciais com práticas equilibradas com os valores ambientais. Menos ligados às políticas públicas, procuram se possível usufruir de subsídios. Têm algumas aspirações no que respeita a influenciar ambientalmente o que os rodeiam. Procuram disseminar a sua forma de viver, segundo valores ambientais e são socialmente bastante dinâmicos.

Também ao nível dos agricultores não orientados para os mercados (não comerciais) foi possível encontrar diferenças significativas. Os *Agricultores-de-tempos-livres (Hobby-farmers)* não comercializam os seus produtos, mas têm alguma orientação para os mercados. Têm consciência e valorizam aquilo que produzem, avaliando e medindo o que fazem. Têm uma atitude ativa perante a terra que gerem, que ocupa um lugar central na sua forma de viver. Procuram saber mais, saber fazer e experimentar novas formas e inovadoras de fazer. Poderão eventualmente dar “o salto” para a comercialização.

Os *novos-residentes Lifestyle-farmers*, têm uma atitude menos ativa do ponto de vista da produção, procurando sobretudo consumir o espaço rural e a cultura local, apresentando por isso valores elevados de dinâmicas sociais. Não têm experiência agrícola mas procuram desenvolver a sua produção de acordo com as práticas tradicionais e existentes na comunidade. Evidenciam preocupações ambientais revelando nas suas práticas de gestão da terra, atitudes valorizadoras dos

valores ambientais. São pessoas geralmente com algum poder económico que utilizam em proveito das populações locais. Podem ter um papel de benfeitores, na medida em que procuram apoiar o desenvolvimento de determinadas coletividades, associação ou instituição financeiramente sem se envolverem ativamente (esta situação foi encontrada junto de um novo-residentes) e têm maioritariamente fortes preocupações sociais, procurando estar informados das dinâmicas e eventuais necessidades sociais que os rodeiam.

4.4. FRONTEIRAS DOS TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES

Tal como se realizou conceptualmente, a análise de partilha e de fronteira das características de cada tipologia de agricultor, considerou-se importante analisar no estudo de caso, que características exclusivas tem cada novo-residente e que características partilham entre eles. Considerando que todos eles têm um estilo de vida Lifestyle-farming, será lógico que partilhem características, motivações e comportamentos. No quadro que se segue procurou-se mostrar quais as características exclusivas e quais são partilhadas entre novos-residentes. Assim surge do lado esquerdo da tabela as características de cada um, que os distinguem claramente dos outros e do lado direito da tabela, as características que são partilhadas entre eles.

CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DE CADA TIPO DE NOVO-RESIDENTE					CARACTERÍSTICAS PARTILHADAS ENTRE NOVOS-RESIDENTES						
RESIDENTE - Novo-residente E					Pouca experiência agrícola	Rendimento fora da agricultura superior ao rendimento que advém da agricultura	Origem em contexto urbano	Filosofia de vida focada no respeito pela natureza e necessidade de estar em contacto com a natureza	Orientados estilo vida rural com forte dinâmica social com as comunidades	Produzem para consumo próprio	Níveis de educação e formação elevados
Não produz											
Lifestyle farmers - Novo-residente D, Novo-residente H e Novo-residente I											
Propriedades com pequenas áreas (geralmente menores que os hobby-farmers)	Não estão orientados para o mercado	São reformados	Contratam serviços								
AGRICULTORES DE TEMPOS LIVRES (hobby-farmers) - Novo-residente A e Novo-residente F					geralmente agricultores a tempo inteiro	Orientação para os mercados					
Não são agricultores a tempo inteiro, dividindo o tempo entre duas profissões. Não se consideram agricultores mas tem alguma orientação para o mercado	Propriedades com pequenas áreas mas maiores que os agricultores como estilo de vida.	Não dependem de apoios/subsídios estatais mas têm algumas orientação comercial	Maior tendência para alterar o uso do solo	Produção de atividades de lazer na propriedade diferentes da produção							
NOVO-AGRICULTOR-COMERCIAL - Novo-residente G e Novo-residente B											
Apesar da vertente comercial são consumidores e produtores no espaço em proporções iguais	Não usufruem de subsídios	Produzem muitas vezes culturas tropicais e inovadoras, procurando “quebrar” com a tradição	Apresentam algumas dificuldades financeiras	Trocam serviços	Tem preocupações ambientais evidentes	Novo-residente C e Novo-residente J					
AGRICULTOR-COMERCIAL-CLÁSSICO											
Baixos níveis de multifuncionalidade derivados das especialização num tipo de produção	São produtores no espaço mais do que “consumidores” do espaço	Contratam serviços	Apesar de orientados para a vida rural não tem preocupações ambientais evidentes	Usufruem ou procuram usufruir de subsídios priorizando as suas opções							

Figura 18 – Análise de fronteiras de diferentes tipos de novos-residentes do estudo de caso

O quadro resultante da análise do estudo de caso não se afasta muito daquele definido através da revisão bibliográfica. Apesar de se terem proposto novos tipos de agricultores em relação aos elencados bibliograficamente, e por isso ter sido feita alguma redistribuição de características, sobretudo entre os *agricultores-comerciais*, as características que em literatura eram partilhadas nas outras tipologias, continuam a sê-lo após integração dos dados do estudo de caso.

De facto, fica subjacente o carácter ténue das fronteiras entre tipos, ainda que elas de facto existam.

Poderá também verificar-se algum escalonamento nas tipologias, a título exemplificativo, pode verificar-se que um *Lifestyle-farmer* partilha bastantes características com um Agricultor-de-tempos-livres (*hobby-farmer*). Também se percebe pela leitura dos quadros e figuras, que este *Lifestyle-farmer* partilhará menos características com um Agricultor-comercial-clássico.

Poderemos assim referir que, no que diz respeito às características dos tipos, existe uma dinâmica de partilha de características entre tipos que poderá ser exemplificada da seguinte forma:

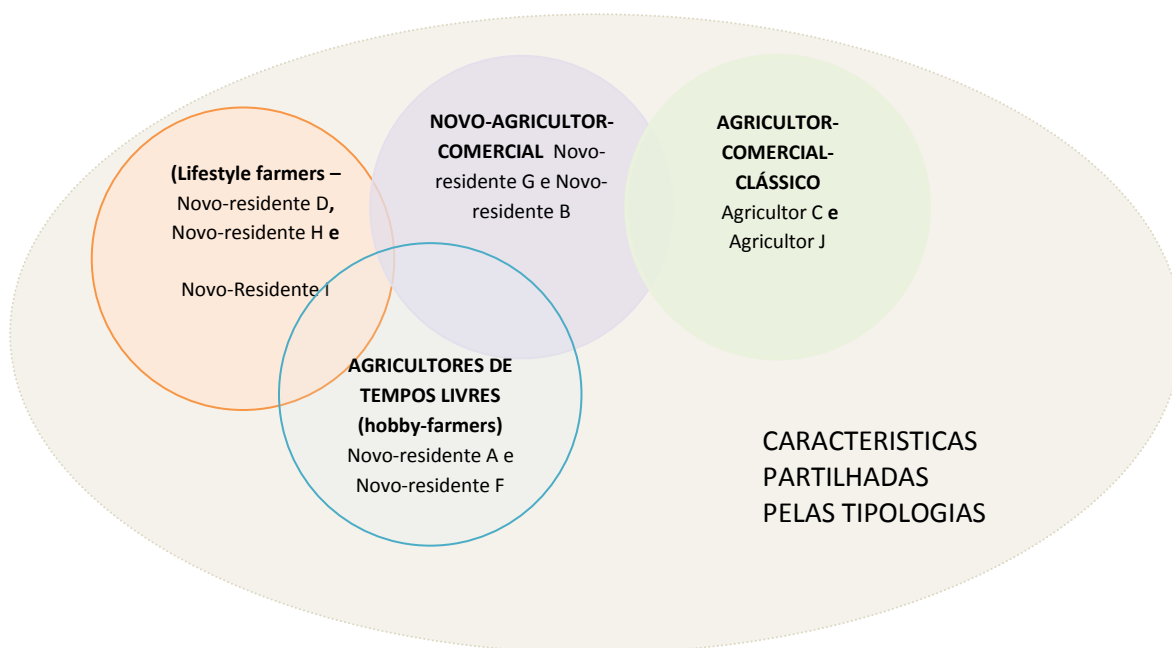


Figura 19 – Fronteiras entre quatro diferentes tipos de novos-residentes no estudo de caso

4.5. OS IMPACTOS DOS DIFERENTES TIPOS DE NOVOS-RESIDENTES

Considerando as várias características dos diferentes tipos de novos-residentes e as maiores ou menores intensidades relativamente às várias dimensões social, ambiental, económica procurou-se identificar os impactos de cada tipo definida no meio envolvente. Para o efeito consideraram-se os 3 descritores mais marcantes: económico e de orientação para os mercados, social que engloba as dinâmicas com a comunidade local e ambiental, na qual se analisam quais os tipos de novos-residentes, que apresentam evidências de maior sensibilidade para as questões ambientais.

Do ponto de vista da orientação comercial e considerando que ainda que existam agricultores sem objetivo comercial mas que possam denunciar alguma orientação para os mercados, poderá escalonar-se a maior ou menor intensidade dessa orientação da seguinte forma:



Figura 20 – Escalonamento de tipos de novos-residentes segundo a sua orientação para os mercados

Após a análise da orientação para os mercados, importa analisar o impacto local/regional do ponto de vista económico. A atividade comercial pode decorrer sem que tenha um impacto económico significativo na comunidade e um agricultor sem orientação para os mercados, poderá “usar o seu poder de compra nas áreas rurais”. Esta questão também se relaciona com o poder de compra de cada agricultor. Um *Lifestyle-farmer*, que não depende da agricultura e que obtém um rendimento exterior à propriedade poderá estar em melhores condições económicas para exercer o seu poder de compra do que um Novo-Agricultor-comercial, que encontra na sua produção a única fonte de rendimento e que procurará diminuir os custos da sua atividade e eventualmente os seus próprios gastos pessoais. A dimensão da exploração terá também um papel importante, embora neste estudo possamos pressupor que as áreas das diferentes tipos são iguais ou relativamente próximas.

A questão relacionada com a contratação ou a troca de serviços também deverá ser tida em conta. Embora exista um valor intrínseco que poderia ser contabilizado na troca e serviços, a contratação

pressupõe um pagamento imediato que desencadeia outros processos económicos. Esta contratação existe sobretudo nos agricultores-comerciais-clássicos e nos *Lifestyle-farmers*. Considerou-se assim que aqueles que pagam pelos serviços estabeleceriam maior número de transações comerciais do que aqueles que trocam serviços.

Analisando todas estas questões, concluiu-se que uma escala de impacto económico na região poderia ter a seguinte forma:

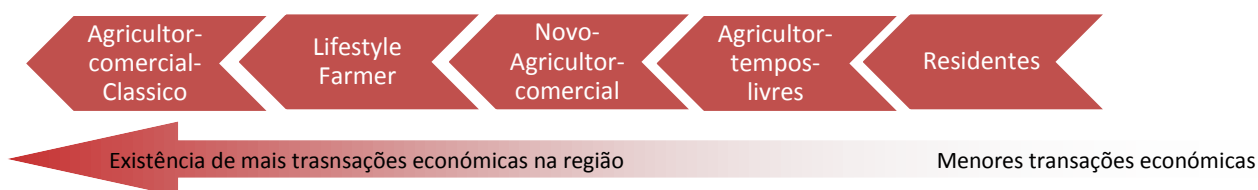


Figura 21 – Escala de impacto económico na região dos vários tipos de novos-residentes

A análise da maior ou menor evidência de preocupações ambientais, sendo que se refere evidência sempre que existem ações concretas de proteção através de práticas agrícolas ambientalmente favoráveis, verificou-se em tipos diferentes e sem que a orientação para os mercados fosse marcante nessa forma de sentir. As questões sociais, morais, éticas ou de outra natureza não foram respondidas da mesma forma que as questões económicas. Isto significa por exemplo, que um *Agricultor-comercial* poderá ter uma maior sensibilidade ambiental e focar a sua produção numa lógica de mercado com respeito e em coerência com os valores ambientais. Senão vejamos, para as evidências ambientais obtiveram-se os seguintes resultados



Figura 22 - Escalonamento de tipos de novos-residentes segundo evidências de preocupações ambientais

A relação estabelecida entre os agricultores e as comunidade em que se inserem, do ponto de vista social, também foi analisada. A maior ou menor dinâmica de cada tipologia de agricultor com a comunidade onde se encontra inserida revelou serem os *Lifestyle-farmers* aqueles que maiores

redes de contactos e dinâmicas criam ou procuram criar com a comunidade. A ruralidade para os *Lifestyle-farmers* inclui o usufruto das questões culturais associadas ao campo e esse. Não são contabilizadas nestas dinâmicas o impacto económico, senão apenas o reconhecimento dessas relações e a importância que demonstraram aquando das entrevistas.

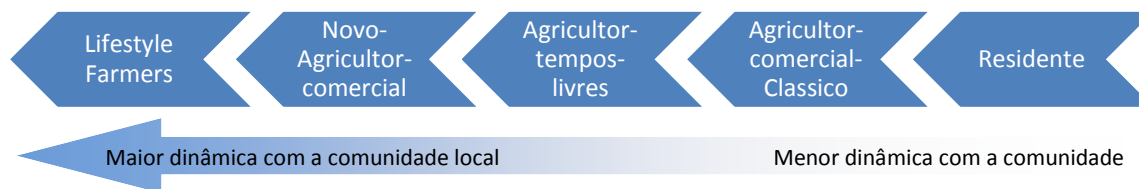


Figura 23 - Escalonamento de tipos de novos-residentes segundo as suas dinâmicas sociais

Tendo-se estabelecido uma análise global, na qual se atribuíram valorações cujas maiores intensidade de impacto são referenciadas através da maior atribuição de valores +. De salientar que as escalas de análise crítica são inversas para os três descritores, isto é, considerando que um maior impacto económico é positivo e que um maior impacto social corresponde, nets caso à existência de maiores dinâmicas positivas, já o impacto ambiental terá de ser visto por outro prisma. Um maior impacto ambiental é universalmente entendido como um fator negativo. Quanto menor o grau de perturbação a um sistema maior tendência à existência de um equilíbrio.

Da análise, obtiveram-se os seguintes resultados:

TIPOLOGIAS DE AGRICULTORES EM LITERATURA	TIPOS DE AGRICULTORES NO ESTUDO DE CASO	INTENSIDADE DE IMPACTE		
		ECONOMICO	AMBIENTAL	SOCIAL
AGRICULTOR - COMERCIAL	AGRICULTOR-COMERCIAL-CLASSICO	+++++	++++	++
	NOVO-AGRICULTOR-COMERCIAL	+++	+	++++
AGRICULTOR-TEMPOS-LIVRES	AGRICULTOR-TEMPOS-LIVRES	++	++	++++
LIFESTYLE FARMER	LIFESTYLE FARMER	++++	+++	+++++
	RESIDENTE	+	+++++	+

Tabela 12 – Impactos comparativos de tipologias de novos-residentes em pequena exploração agrícola.

Da análise do quadro, considerando a realidade do estudo de caso e o facto de se estar a considerar apenas a gestão da pequena propriedade, pode concluir-se que a tipo Novo-Agricultor-comercial apresentou maiores impactos positivos globais na comunidade onde se insere. Ainda que, em termos económicos, não seja o tipo de novo-residente que apresente um impacto mais favorável, destaca-se

no seu menor impacto ambiental e nas dinâmicas que estabelece com a comunidade no qual se encontra inserido.

O comportamento mais aproximado em termos de impacto positivo é o do tipo *Agricultor-tempos-livres*. Este facto pode ser verificado nas retas de escalonamento (Fig. 21, 22 e 23) nas quais as duas tipologias surgem sempre próximas, com elevadas afinidades em termos de posicionamento no triângulo da sustentabilidade.

Poderá dizer-se que, em termos de impacto, forma de viver e de se posicionar no espaço rural, as dois tipos (*Novo-agricultor-comercial* e *agricultor-tempos-livres*) têm características muito próximas, apenas diferenciadas pela existência ou não de comercialização dos produtos.

Considera-se serem estas as posturas mais positivas no sistema analisado, sendo o *Novo-agricultor-comercial* aquele que melhores impactos positivos apresenta.

O **Residente** analisado, tendo em conta as suas características de isolamento, reduzida ou quase nula relação com a comunidade, ausência de práticas agrícolas e de outras atividades não agrícolas no espaço e ainda ausência de postura ambiental, apresenta-se como aquele que menores e menos positivos impactos terá na comunidade.

Capítulo 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da dissertação procurou-se desenvolver e abordar as questões relacionadas com o fenómeno Lifestyle-farming, consubstanciado nos novos-residentes, que se instalaram na pequena exploração agrícola, e perceber se a forma como gerem a sua terra, as suas expectativas iniciais e como se posicionam face às condições que encontraram, os torna diferentes entre eles e discutir que impacto têm na comunidade onde se instalaram.

Para o efeito utilizou-se um estudo de caso que permitiu, após a análise e tratamento da bibliografia disponível sobre a matéria, compará-las com o estudo de caso e perceber as dinâmicas existentes nesta área.

Os novos-residentes que integram o estudo de caso e que foram alvo de entrevistas, revelaram ter diferentes perfis. Foram estes perfis que se analisaram e a partir dos quais se traçaram diferentes tipos. Procurou-se encontrar pontos de convergência e divergência entre agricultores que permitissem, numa fase posterior, analisar os seus comportamentos e a forma como eles são mais ou menos impactantes em termos económicos, sociais e ambientais no meio onde estão instalados.

Encontraram-se afastamentos relevantes entre agricultores, que passaram numa primeira fase pela sua orientação ou não para os mercados. Dentro destes dois grandes grupos, denominados agricultores-comerciais e agricultores-não-comerciais, encontraram-se novas diferenças, analisadas à luz de formas de sentir o espaço, evidência de preocupações ambientais que se vieram a verificar numa filosofia de vida e forma de se perceber a natureza diferente dos seus pares.

Interessante perceber por exemplo, que os agricultores com preocupações ambientais evidentes, são os mesmos que não contratam serviços mas antes os trocam. Nessa altura surgiram questões como: Existiria uma forma de viver diferente? A procura por uma alternativa de vida? Uma outra percepção do mundo? Teria diferentes impactos locais?

Os tipos finais encontrados divergiram do esperado, no sentido em que aumentam, relativamente às tipologias previstas em literatura, ponto de partida deste estudo. De forma resumida, os *agricultores-comerciais*, que na literatura apenas tinha uma tipologia, surgiram divididos entre agricultores-do-tipo-clássico e do novos-agricultores-comerciais. Esta divisão surgiu da diferente forma como sentem o espaço e as suas ambições e expectativas em relação à terra que gerem. Os agricultores-clássicos estão orientados para os mercados, procuram usufruir de subsídios e posicionar-se em relação às políticas públicas. Não têm preocupações ambientais evidentes, ainda que tenham um estilo de vida rural. Os novos-agricultores-comerciais, procuram conjugar aquilo que são as suas aspirações comerciais com práticas pró-ambientais. Menos ligados às políticas públicas,

têm no entanto atitudes no sentido de influenciar ambientalmente os que os rodeiam. Procuram disseminar a sua forma de viver, segundo valores ambientais e são socialmente bastante dinâmicos.

Os *Lifestyle-farmers*, tem uma atitude menos ativa do ponto de vista da produção, procurando sobretudo consumir o espaço rural e a cultura local, apresentando por isso valores elevados de dinâmicas sociais. Evidenciam algumas preocupações ambientais através de decisões e atitudes na gestão do seu território com respeito pelos valores ambientais presentes. São pessoas geralmente com algum poder económico que utilizam também em proveito das populações locais, através de práticas como por exemplo, procurar consumir localmente.

Relativamente às fronteiras das tipologias, ficou subjacente o seu carácter ténue, ressaltando que estas fronteiras existem e poderão eventualmente ser utilizadas, num outro estudo para definição e seleção de tipos, bastando para isso responderem positivamente às características concretas (e não partilhadas) de cada tipologia.

Considerando as várias características dos tipos de novos-residentes e as maiores ou menores intensidades de impacto de cada tipo, relativamente às várias dimensões social, ambiental, económica foi possível analisar-se os impactos de cada um no meio envolvente, surgindo a tipo novo-agricultor-comercial, como aquele que mais favorável seria em termos de impactos numa região por oposição ao residente que surgiu na avaliação realizada, como aquele que impactos menos positivos teria.

Saliente-se um aspeto muito interessante neste processo, o facto de apesar de se ter utilizando uma amostra pequena de novos-residentes, apenas 10 e numa área bastante pequena (cerca de 6000 ha), ter sido possível encontrar e identificar nesta amostra, a totalidade das tipologias referenciadas na análise conceptual. Ainda que se caracterizassem todos os entrevistados como novos-residente *Lifestyle farming*, na verdade foi possível encontrar dentro desta tipologia um conjunto de tipos que conseguiria descrever uma realidade bastante mais global.

Considerando que os resultados obtidos foram próximos dos definidos em literatura, e esta é iminentemente generalista, só poderá pensar-se na sua aplicação a outras zonas depois de verificado se de facto se está perante um processo que se repete desta forma, noutros locais, com características idênticas. De forma a clarificar esta questão e a testar todas as hipóteses, considera-se serem necessários mais e melhores estudos sobre esta temática.

Uma característica interessante da maioria dos entrevistados no nosso caso de estudo foi o facto de se terem instalado na década de 90 na zona rural em estudo. Dever-se-á esta mudança à entrada de

Portugal na Comunidade Europeia? Estará este fenómeno ligado à PAC (Política Agrícola Comum) e à existência de alguns subsídios disponíveis? A análise das razões deste movimento urbano-rural nos anos 90 poderá trazer algumas respostas e levantar novas questões que poderão solidificar a problemática em causa. O que se assinala como trabalho interessante a desenvolver no futuro.

Sentiu-se ao longo desta dissertação, pela análise da bibliografia disponível e do trabalho de terreno elaborado, que existe ainda um grande caminho a fazer no sentido da melhor compreensão das necessidades do sector agrícola em pequena/micro escala e dos novos-residentes. É imperativo que as políticas agrícolas públicas acompanhem estes processos de migração e instalação das pessoas no mundo rural, de forma a garantir a sustentabilidade destas áreas regionais.

Existe um movimento emergente de circulação de pessoas da cidade para o campo, que poderá alterar a natureza inicial da comunidade rural, aumentando a diversidade de pessoas que gerem as propriedades rurais. Esta miscelânea diferentes valores sociais e diferentes capacidades de gestão trazem desafios acrescidos para quem procura promover um desenvolvimento sustentável e que importa estar atento.

Sendo o Alentejo uma Região em processo rápido de desertificação, nomeadamente desertificação humana, há que tentar travar esse processo, através de estratégias de fixação das suas populações. Para tal, e porque se trata de uma região essencialmente rural, é preciso, não só, desenvolver a sua agricultura, mas também, criar condições de vida às populações agrícolas, para que uma parte significativa do seu rendimento possa ter origem em outras atividades ligadas, direta ou indiretamente, à agricultura e/ou em atividades fora do sector, desde que praticadas em meio rural. Mais concretamente, há que, se necessário, recorrer à pluriatividade. O nosso estudo caso abordou precisamente este fenómeno e concluiu que será esta pluriatividade, aliada às intervenções e formas de gerir a terra pró-ambientais, a uma forte dinâmica social e ainda ao apoio técnico e financeiro por parte das instituições publicas, um dos caminhos para o desenvolvimento local/rural sustentável.

"o meio rural não é uma terra de ninguém". Ali "existem [...] centros e redes de poder instalados. circuitos de informação e de influência minuciosamente urdidos de geração em geração, seja ao nível do discurso, do jogo de alianças ou da tecitura do parentesco e de vizinhança" A. Lucas (1987: 66)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, A. (2009) – Sustentabilidade, entre a utopia, a pratica e a estratégia empresarial. Dissertação de mestrado em Administração, Universidade do Estado de Santa Catarina. Brasil
- Amorim, R. (2003) - Entrevista à Ministra Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território Assunção Cristas, revista Exame de Março de 2003, pag 20-23.
- ATD (Associação para o Desenvolvimento Integrado Terras Dentro) (2013) - Estudo Comparativo Alentejo – Beaucé et Gatinais- Nova Imagem para Novos Agricultores. ISBN 978-98459-0-9
- Baptista, Fernando Oliveira (1996) - Declínio de um Tempo Longo, *O Voo do Arado*, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, pp. 35-75.
- Baptista, Fernando Oliveira (2007) - “Da agricultura ao rural, refazer o território”, Comunicação apresentada ao II Fórum Internacional “Desenvolvimento Territorial: Articulação de Políticas Públicas e Actores Sociais”, Salvador (Bahia, Brasil), 6 a 9 de Novembro, 12p.
- Bastos, J. - Excerto do programa “Por onde Vamos”, debate sobre agricultura emitido na SIC Noticias, dia 17.09.2013 visualização em URL: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/porondevamos/2013/09/17/por-onde-vamos-a-agricultura-portuguesa>
- Blekesaune, A., Haugen, M. S. and Villa, M. (2010) - Dreaming of a Smallholding. *Sociologia Ruralis*, 50: 225–241.
- Bohnet, I., Potter, C., Simmons, E (2003) - Landscape change in the multifunctional countryside: a biographical analysis of farmer decision making in the English Weald. *Landscape Research* 28 (4), 349–364.
- Bohnet, L. (2008) - Assessing retrospective and prospective landscape change through the development of social profiles of landholders: a tool for improving land use planning and policy formulation. *Landscape and Urban Planning* 88, 1-11.
- Busck, A. G., Kristensen, S. P., Præstholm, S., Reenberg, A. & Primdahl J. (2006) - Land System Changes in the Context of Urbanisation: Examples from the peri-urban area of Greater Copenhagen. *Geografisk Tidsskrift. Danish Journal of Geography* 106(2): 21-34, 2006. URL: <http://rdgs.dk/djg/pdfs/106/2/03.pdf>
- Candiotto, L.; Corrêa, W. (2008) - Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. *Revista CAMPO-TERRITÓRIO*. v.3, n. 5, 214-242, fev. URL: <http://www.campoterritorio.ig.ufu.br>, em 20/11/2013
- CCE (1988) - The Future of Rural Society. *Boletim da Comissão das Comunidades Europeias*4/88, Bruxelas
- Chambel, A. (1990) - "Hidrogeologia da Região de Évora". Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Geologia Económica Aplicada, Lisboa, 126 p.
- CMMM (2004) – Pré-diagnóstico Social, Conselho Local de Ação Social da Rede Social. Montemor-o-Novo. URL: [http:// www.cm-](http://www.cm-)

montemornovo.pt/NR/rdonlyres/00003769/xqrposmjosleayvvrwkasingfrksxtz/PrDiagnosticoSocial.pdf

Coutinho, C.; Chaves, J. (2002) - O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. Revista Portuguesa de Educação, 15(1), pp. 221-244. CIED - Universidade do Minho

Covas, A. (2009) - Neo-Rurais e mercados emergentes em agroicultura. O campo revisitado. Seminário Desenvolvimento Rural: tendências e oportunidades. Serpa, 2 e 3 de Dezembro de 2009

Cristóvão, A. (2007) - As Transformações do Espaço Rural e as Dinâmicas de Desenvolvimento, em Seminário "O Turismo no Espaço Rural e a Multifuncionalidade da Paisagem", Évora, pp. 8

Direcção-Geral de Agricultura/Direcção G. Análises Económicas e Avaliação (2003) - Situação da Agricultura em Portugal, Documento de trabalho DG AGRI, COMISSÃO EUROPEIA. URL: http://ec.europa.eu/agriculture/publi/reports/portugal/workdoc_pt.pdf

Fuller, A. (1990) - From part-time farming to pluriactivity: a decade of change in rural Europe. Oxford: Pergamon Press. Journal of Rural Studies, vol. 6, n. 4, pp. 361-373.

Gurría, A. (2007) - Innovation in Rural Areas: An Exception or a Must? In OECD Rural Conference 2007: Innovative Rural Regions: The Role of Human Capital and Technology Speech. Cáceres, Spain. [online] URL: <http://www.oecd.org/general/innovationinruralareasanexceptionoramust.htm>

Guterres, I. (2006) - Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres. São Paulo: Expressão Popular. Brasil

H. Renting et al (2009) - Exploring multifunctional agriculture. A review of conceptual approaches and prospects for an integrative transitional framework. Journal of Environmental Management 90 (2009) S112–S123.

Hollier, C; Reid, M. (2007) - Small Lifestyle Farms, Improving delivery mechanisms for sustainable land management, A report for the Cooperative Venture for Capacity Building

Holloway, L. (2000) - Hobby-Farming In The Uk: Producing Pleasure in the Post-Productivist Countryside. II Anglo Spanish Symposium on Rural Geography, University of Valladolid, Spain.

Holmes, J. (2006) - Impulses towards a multifunctional transition in rural Australia: Gaps in the research agenda. Journal of Rural Studies. Volume 22, Issue 2, April 2006, Pages 142–160

Ilbery B. W. (1981) - Dorset agriculture: a classification of regional types. Transactions of the Institute of British Geographers new series, 6: 214-27.

INE (1999) - Recenseamento Geral da Agricultura. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa;

INE (2001) - Municípios do Alentejo. INE, I.P.. Lisboa

INE (2001). Dados do Recenseamento Geral da Agricultura 99 por freguesia. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa;

INE (2011) - Censos 2011. INE, I.P.. Lisboa

INE (2011) - Recenseamento Agrícola 2009 – Análise dos Principais Resultados. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa

Knickel K., Renting H. (2000) - "Methodological and conceptual issues in the study of multifunctionality and rural development" *Sociologia Ruralis* 40 512 ^ 528

Lee-Ann Sutherland, Environmental grants and regulations in strategic farm business decision-making: A case study of attitudinal behaviour in Scotland, *Land Use Policy*, 2010, 27, 2, 415

LUCAS, A. M. R. (1987) - Subsídios para o Reconhecimento da Racionalidade Rural em Portugal. *Cadernos de Ciências Sociais* nº 5, Afrontamento, Porto, pp. 65-83.

Marsden, T. (1999) - "Para além da agricultura? Para uma Modernização Sustentável" em Redclift, M. R., Lekakis, J. N. e Zanas, G. P. (eds.), *Agriculture and World Trade Liberalisation. Socio-environmental Perspectives on the Common Agricultural Policy*. Wallingford, UK: CABI Publishing, pp. 238-261.

Marsden, T., Banks, J. and Bristow, G. (2000) - Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development. *Sociologia Ruralis*, 40: 424–438. doi: 10.1111/1467-9523.00158

Marsden, T.; Murdoch, J. (1994) - Reconstituting rurality – class, community and power in the development process. London: UCL Press.

Munasinghe, M., Sunkel, O. and de Miguel, C. (2001) - *The Sustainability of Long Term Growth*, Edward Elgar Publ., London, UK.

Pereira, M.C.M.D (2009) - A Flora e Vegetação da Serra de Monfurado (Alto Alentejo - Portugal). *Guineana* 15: 1- 316. Évora

Peter Nijkamp, (1990) - Regional Sustainable Development and Natural Resources. World Bank Annual Conference on Development Economics, Washington D.C., 26 y 27 de abril de 1990.

Pike Brown at all (2013) - Survey of Rural Decision Makers in Canterbury, Southland and Waikato. Report prepared for Ministry for the Environment.

Pinto-Correia, T. ; Breman B. (2009) - The new roles of farming in a differentiated European countryside: contribution to a typology of rural areas according to their multifunctionality. Application to Portugal. *Regional Environmental Change*, Vol.3, 9: 143-152

Pinto-Correia, T., Gonzalez, C., Sutherland, L. and Peneva, M. (2014) - Lifestyle Farming: countryside consumption and transition towards new farming models (Chapter 5). In: Sutherland, L., Darnhofer, I., Wilson, G. and Zagata, L. (Eds). *Transition pathways towards sustainability in European agriculture*. CABI International. (forthcoming)

Pinto-Correia, T.; Menezes H., Barroso, L. F. (2010) - The landscape as an asset in Southern European fragile agricultural systems: contrasts and contradictions in land managers attitudes and practices. ICAAM- Institute for Mediterranean Agrarian and Environmental Sciences, University of Évora, Portugal.

Plano de Intervenção no Espaço Rural do Sítio de Monfurado (PIERSM), Aviso nº3453/2011 - Diário da República nº22, II Série de 1 de Fevereiro.

Portela, J. (1988) - Rural Household Strategies of Income Generation. A Study of Northeastern Portugal, 1900-1987. Dissertação de Doutoramento. University of Wales.

Pretty, J. (2002) - Agri-Culture. Earthscan. ISBN: 978-1-85383-925-2 (English edition)

Primdahl J. and Kristensen L. (2001) - The farmer as a landscape manager: Management roles and change patterns in a Danish region. *Geografisk Tidsskrift-Danish Journal of Geography* 111(2): 107-116

Primdahl J. and Kristensen L. (2011) - The farmer as a land manager: Management roles and change patterns in a Danish region. *Geografisk Tidsskrift-Danish Journal of Geography* 111(2): 107-116

Primdahl, J. & Swaffield, S., (2010) - Globalisation and Agricultural Landscapes – Change Patterns and Policy Trends in Developed Countries. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 149-167.

Primdahl, J. (1999) - Agricultural landscapes as places for production and for living in owner's versus producer's decision making and the implications for planning. *Landscape and Urban Planning*, 46, 143–150.

Roca, M. O. (2011) - Os Novos Rurais da Beira Interior: (potenciais) agentes de desenvolvimento local. Seminário Ibérico “Combate à Desertificação, Abandono Rural e Despovoamento – Intervenções Raianas”. Idanha-a-Nova. [online] url: <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/unccd-PT/event/docs-semin/resource/ficheiros/sii/1-2-Os-Novos-Rurais-da-Beira-Interior.pdf>

Shucksmith, M.; Herrmann, V. (2002) - Future Changes in British Agriculture: Projecting Divergent Farm Household Behaviour. *Journal of Agricultural Economics*. Volume 53, Issue 1, pages 37–50.

Soares, M.; Fagnani, M.; Bergamasco, S. n (2008) - Algumas contradições do turismo no espaço rural em municípios do Estado de Sao Paulo. *Informações Económicas, São Paulo*, v. 38, n. 1, p. 46-53. Biblioteca: Epagri-Sede.

Stape (2005) – Perfil do Autarca – Caracterização dos Eleitos Locais 2001. Lisboa. Secretaria do Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral. Ministério da Administração interna.

Sutherland, W.J., Pullin, A.S., Dolman, P.M. & Knight, T.M. (2004) - The need for evidence-based conservation. *Trends in Ecology and Evolution*, 19, 305–308.

UNEP, IUCN, and WWF (1991) - *Caring for the Earth*, United Nations Environment Programme International Union for the Conservation of Nature and World Wildlife Fund, Nairobi, Kenya

Van den Berg, L. & Wintjes, A. (2000) - New ‘rural lifestyles’ in The Netherlands, *Landscape and Urban Planning*, 48(3), pp. 169-176

Van der Ploeg J. and Marsden T. (2008) - The dynamics of regional rural development. Van Gorcum, The Netherlands, 262pp.

Van Der Ploeg, J. (2002) - High quality products and Regional specialties: a Promising Trajectory for Endogenous and Sustainable Development. Paper presented at the International Conference "The Future of Rural Policy", OECD, Siena, Italy, 10-12 July 2002 .

W.C.E.D. (World Commission on Environment and Development) (1987) - Our Common Future. Brundtland, Gro Harlem, (ed.) Oxford University Press, Oxford. 400pp. Also known as 'The Brundtland Report'

Wilson G. A., (2007) - Multifunctional Agriculture – A Transition Theory Perspective. CABI, Cromwell Press, Trowbridge.

Wilson, G. A. (2008) - From 'weak' to 'strong' multifunctionality: Conceptualising farm-level multifunctional transitional pathways. *Journal of Rural Studies* 24 (2008) 367–383. School of Geography, University of Plymouth, Drake Circus, Plymouth, UK

Wilson, G. A. (2009) - The spatiality of multifunctional agriculture: A human geography perspective. *Geoforum*. 40: 269-280.

YIN, R. (1994) - Case Study Research: Design and Methods (2ª Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications

ANEXOS

ANEXO I – GUIÃO DE ENTREVISTAS REALIZADO NO ÂMBITO DO PROJETO FARMPATH E UTILIZADO NESTE ESTUDO

Guião de entrevista para Novos Rurais

– Consumo do Rural (C2) –

Informação Geral

Nome

Propriedade

Sexo Ano em que nasceu

A. Iniciativa

(Nichos)

A.1. Quando se mudou para esta área? E mudou-se sozinho ou acompanhado? Com quem?

A.2. Desde essa altura passa cá a maioria do tempo (mais de 6 meses por ano), seja a viver ou a trabalhar?

A.3. A casa/propriedade é sua ou é alugada? Desde há quanto tempo (em qualquer dos casos)?

A.4. Onde é que viveu antes? Onde nasceu? Qual foi o seu local de residência principal até aos seus 15 anos? (especificar se estas são áreas urbanas ou rurais)

A.5. Qual é a sua profissão (se necessário perguntar também pela educação – a. primária b. secundária c. terciária d. licenciatura e. pós-graduação)? Onde exerce?

B. Consumo da Paisagem (espacial)

(Nichos)

B.1. Porque é que se mudou para cá? Quais foram as suas motivações?

- B.2. De formas é que se sente ligado a este lugar? É por isso que continua a ficar cá (se não, porque é que fica, então)?
- B.3. A sua ligação ao lugar tem a ver com estar no campo? De que maneira, se sim? Isso teve influência na sua decisão de vir para cá ou de ficar cá?
- B.4. E em relação à paisagem, acha que esta paisagem influencia a maneira como experiencia este lugar? Como? A paisagem influenciou as razões por que se mudou para cá ou por que continua cá?
- B.5. E quanto a agricultura ou atividades relacionadas com ela? (Considera que têm um papel na forma como experiencia este lugar? Como? Tiveram algum papel na decisão da sua vinda, inicialmente? E na sua permanência cá?)
- B.6. Como é que usa o campo/paisagem? Como beneficia de estar cá? Porque é bom?
- B.7. Que produtos usa que sejam desta área (do campo) e desta paisagem? Que benefícios ou experiências é que viver ou trabalhar neste lugar lhe proporciona?
- B.8. De todos os fatores que discutimos (paisagem, atividades agrícolas, estilo de vida, ligações sociais, ou outros que tenham sido referidos,...) qual é o mais importante?
- B.9. E de que formas é que perde por estar aqui? Ou seja, porque é que estar cá também pode ser mau?

C. Práticas de Gestão Agrícola

(Nicho)

(perceber se existem objetivos de produção na gestão da propriedade, qual o seu papel e se é mantido pelo novo rural ou por outros atores (e quem são eles, nesse caso)?)

C.1. É feita alguma agricultura, nesta propriedade?

C.2. Quem é que a desenvolve?

C.3. Quem é que toma decisões a esse respeito?

C.4. Advêm daí alguns rendimentos? venda/comercialização

C.5. Se não houver agricultura: gostava que houvesse? O que é que precisa, para que possa haver aqui agricultura?

(Regime)

C.6. As suas escolhas/decisões na forma de gerir a sua propriedade são diferentes do comum? De que maneira? Isso é fonte de conflitos ou de interesse e troca de experiências? Há alguma cooperação na gestão da sua propriedade, na escolha das práticas que segue? Como e com quem? Acha que essas práticas influenciam a paisagem?

C.7. E em relação a regulamentos institucionais ou políticas que existam, de alguma forma promovem ou contrariam as suas atividades? Como? *(perceber se há uma separação entre dimensões formais e informais nas práticas levadas a cabo)*

C.8. Como é que isso contribui para a paisagem? (interação com tradição e políticas)

A. Iniciativa (cont.)

(Nicho-Regime)

A.6. Nas decisões acerca da sua propriedade e/ou no seu quotidiano, quem são as pessoas com quem interage?

A.7. Como é a sua interação com cada um deles?

- *Perceber se existem grupos de atores sociais*
- *Especificar atividades partilhadas, recursos partilhados e ligações existentes*
- *Nestes três aspetos, prestar atenção a níveis de confiança e compromisso*
- *Perceber se há formas de partilha de informação, entre quem e como*
- *Identificar potenciais atores híbridos e a forma como podem influenciar a iniciativa*
- *Prestar atenção a potenciais questões de poder*
- *Deixar espaço para aspetos não referidos emergirem*

A.8. Há algumas questões específicas que gerem conflito?

A.9. E que questões são de interesse comum?

(Regime: comunidade local)

- A.10. Especificamente em relação aos residentes locais, como é que é a sua relação com eles? *(novamente, atividades, recursos, ligações, confiança, compromisso, informação, poder, ... - prestar atenção especial aos atores híbridos e ao potencial apoio que possam dar à iniciativa)* – **A.10 a A.17 só se não tiver sido já respondido antes**
- A.11. Foi fácil começar a relacionar-se com eles?
- A.12. Qual é a sua perceção da opinião que eles têm dos novos que vêm chegando?
- A.13. De que formas é que a sua chegada pode introduzir alterações à maneira como as pessoas de cá interagem, às suas actividades habituais e maneiras de pensar, na sua perspectiva? Existem outras formas em que pense poder estar a introduzir mudanças? *(prestar atenção ao papel da idade na resposta obtida)*
- A.14. Interfere de alguma forma com questões locais: sociais, religiosas, económicas, políticas? Está associado a alguma rede, associação, cooperativa, partido político, grupo informal?
- A.15. Existem algumas questões que causem conflito com pessoas de cá, locais? Quais, como, porquê, com quem, ...?
- A.16. De alguma forma sente que o seu comportamento é limitado pela interacção com residentes que já eram de cá?

A.17. E quais são as questões que podem ser de interesse mútuo, tanto seu como das pessoas de cá?

A.18. Sente que pertence cá? A nível das pessoas e do lugar? Porquê?

D. Time

D.1.Sabe se antes as propriedades eram geridas de forma diferente (há 30-50 anos)? O que é que era diferente?

D.2.Alguma dessas práticas mais antigas está a ser adoptada pelas novas pessoas que agora vêm chegando, de alguma forma?

D.3.Acha que agora há mais ou menos diversidade na maneira como as propriedades são geridas e organizadas, espacialmente (do que há 30-50 anos)?

D.4.Acha que a paisagem vai mudar, como resultado de práticas diferentes? Como?

D.5.E a vida no campo, acha que era diferente antes? (ligação ao sítio, relações sociais, políticas, mercados, ...)?

D.6.Estas mudanças ocorreram porquê, no seu ver?

A. Iniciativa (cont)

(Nicho – nível colectivo)

A.1. Conhece mais algumas pessoas que tenham vindo aqui para esta area nos últimos anos, para viver ou trabalhar, como você? Quem? Quando? Porque veio? O que fazem? Acha que o número de pessoas que tem chegado está a aumentar ou a diminuir?

A.2. Encontra-os regularmente? A que propósito? Onde e como? Existem actividades q partilhem?

A.3. Como se sente em relação a eles? Sente-se ligado? Como? Gosta deles?

A.4. Sente-se associado a eles de alguma forma? Gosta de lhes estar associado dessa forma?

A.5. Há alguma forma na qual beneficie do facto de eles cá estarem? A sua existência influencia a maneira como experiencia este lugar?

A.6. Depende deles para alguma coisa? Há alguns recursos que partilhem? E informação, trocam informação sobre o lugar, sobre agricultura, sobre viver ou trabalhar cá? (*confiança e compromisso?...*)

A.7. Interage de alguma outra forma com estas pessoas que chegaram nos últimos anos?

(Paisagem Teoria da Transição)

A.8. De que forma a chegada destas pessoas a áreas rurais como esta contribui para problemas existentes como pobreza ou desigualdade rural, despovoamento rural, declínio da agricultura? Existem outros problemas que o preocupem e sejam influenciados por esta nova população que chega?

A.9. Acredita que a idade das pessoas que chegam tem alguma influencia no processo (*Os jovens agricultores tem algum papel particular*)? Conhece algum agricultor activo jovem nesta área; ele é de cá ou mudou-se para cá nos últimos anos?

A.10. (*só se estiver envolvido de alguma forma em actividades agrícolas*) Qual é para si o papel da pequena agricultura na sociedade, nos dias que correm? E do pequeno agricultor?

A.11. (*só se estiver envolvido de alguma forma em actividades agrícolas*) Quais são as perspectivas para uma pequena agricultura que seja sustentável no Alentejo, do seu ponto de vista?

A.12. Qual é que acha que é o papel destas novas pessoas que vêm chegando no desenvolvimento de um agricultura de pequena dimensão sustentável?

Está disponível para mais uma conversa, se necessário? Contacto:

NOTAS (a seguir a cada entrevista)